

Revista **Aeronáutica**

ISSN 0486-6274

Número 283
2013



PRESIDENTE

Ten Brig Ar Ivan Moacyr da Frota

1º Vice-Presidente

Maj Brig Ar Márcio Callafange

2º Vice-Presidente

Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes

Assessor Especial da Presidência
Brig Ar Cezar de Barros Perlingeiro

www.caer.org.br
revista@caer.org.br



Expediente

Abr./Mai./Jun.

2013

ISSN 0486-6274

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Social

Brig Ar Guilherme Sarmiento Sperry

Sede Barra

Ten Cel Int José Augusto Santana de Oliveira

Sede Lacustre

Cel Int Antonio Teixeira Lima

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente - Maj Brig Ar Marcus Vinícius Pinto Costa

CONSELHO FISCAL

Presidente - Brig Int Helio Gonçalves

DEPARTAMENTOS

SEDE SOCIAL

Administrativo

Cel Int Ézio de Luna Freire

Beneficente

Cel Av Nylson de Queiroz Gardel

Cultural

Cel Av Araken Hipólito da Costa

Comunicação Social

Ten Cel Ana Elisa Jardim de Mattos A. de Melo

Centro de Tecnologia e Informação – CTI

Ten Cel Int Franklin José Maribondo da Trindade

Financeiro

Cel Int Júlio Sérgio Kistemarcher do Nascimento

Jurídico

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

Patrimonial / Secretaria Geral

Cap Adm Ivan Alves Moreira

Social

Ten Cel Int José Pinto Cabral

CHICAER

Ten Brig Ar Ivan Moacyr da Frota

SEDE BARRA

Aerodesportivo

Cel Av João Fares Netto

Dir. Operações - Ten Cel Av José Carlos da Conceição

Desportivo

Ten Cel Av Antonio Vianna Jordão

Assessores

Especial - Loreta Helena Valério Alves

Administração - Cel Av Mauro Domeneck Salgado

Pessoal - Ten Cel Esp Odyr Eduardo Lapa Coutinho

Financeiro - Ten Cel Antônio Rodrigues de Sousa

Expediente Sede Social

Dias: 3ª a 6ª feira

Horário: 9h às 12h e 13h às 17h

ENDEREÇOS E TELEFONES

Sede Social

Praça Marechal Âncora, 15

Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200

• Tel.: (21) 2210-3212

• Fax: (21) 2220-8444

Sede Barra

Rua Raquel de Queiroz, s/nº

Rio de Janeiro - RJ - CEP 22793-710

• Tel.: (21) 3325-2681

Sede Lacustre

Estrada da Figueira, nº 1

Arraial do Cabo - RJ - CEP 28930-000

• Tel.: (22) 2662-1510

• Fax: (22) 2662-1049

REVISTA DO CLUBE DE AERONÁUTICA

Tel.: (21) 2220-3691

Diretor e Editor

Cel Av Araken Hipólito da Costa

Jornalista Responsável

J. Marcos Montebello

Produção Editorial e Design Gráfico

Rosana Guter Nogueira

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Revisão

Márcia Helena Mendes dos Santos

Secretárias

Gabriela da Hora Rangel

e Juliana Helena Abreu Lima

Estagiária

Paula Araújo

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Descobrimento
do Brasil,
azulejaria
portuguesa

Índice

4 MENSAGEM DO PRESIDENTE

IMPORTAÇÃO DE MÉDICOS

ALERTA AO POVO BRASILEIRO

Ten Brig Ar Ivan Frota

Presidente do Clube de Aeronáutica

6 NOTÍCIAS DO CAER

Redação

8 CREDENCIAIS DO PENSAMENTO

PENSAMENTO BRASILEIRO

EM PORTUGAL

Araken Hipólito da Costa

Cel Av

12 O PENSAMENTO BRASILEIRO

NO BERÇO PORTUGUÊS

João Victorino

Jornalista

18 AGRADECIMENTO À FORÇA

AÉREA PORTUGUESA

Luís Mauro Ferreira Gomes

Cel Av

19 COMISSÃO DA VERDADE

OU SÓ RETALIAÇÃO?

Olavo Nogueira Dell'Isola

Cel Av

20 PELA PERMANÊNCIA DA

JUSTIÇA MILITAR

Ives Gandra da Silva Martins

Tributarista

22 BRICS, CHÍNDIA E CHIMÉRICA:

OS NOVOS PLAYERS DA ECONOMIA

MUNDIAL

Manuel Cambeses Júnior

Cel Av

24 DIREITA & ESQUERDA

Roberto DaMatta

Antropólogo

27 O RISCO BOLIVARIANO

Rodrigo Constantino

Economista

28 CONFLITOS DE GERAÇÕES:

AS COISAS MUDAM

Maj Brig Ar Antonio Luiz Rodrigues Dias

32 A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL

NA 2ª GUERRA MUNDIAL

Paulo Dartanham Marques de Amorim

Cel Cav

34 HERÓI DE GUERRA

MAJOR BRIGADEIRO AVIADOR

MEIRA

Agência Força Aérea

36 E FOI ASSIM QUE

EU CRUZEI O RIO PÓ...

Reinaldo Peixe Lima

Cel Av

39 PERIGOS PARA O BRASIL

Marcos Coimbra

Economista

40 A SAGA DO CARDEAL ZERO UM

Maj Brig Ar Wilmar Terroso Freitas

42 CRONOLOGIA AERONÁUTICA

BRASILEIRA - Oitava parte

Fernando Hippolyto da Costa

Cel Av

44 A BALEEIRA DA BASE AÉREA

Ten Brig Ar Sergio Pedro Bambini

46 CONHEÇA SUA DOENÇA:

DIABETES MELLITUS

Maj Brig Méd Ricardo Luiz de G. Germano



Mensagem do Presidente

Ten Brig Ar Ivan Frota
Presidente do Clube de Aeronáutica

Bem-estar familiar ❖ Eficiente Força Aérea

Importação de Médicos

Alerta ao Povo Brasileiro

No último pronunciamento público, por ocasião das manifestações em inúmeras cidades do País, a Presidente da República reconheceu a legitimidade das queixas da população em relação às impropriedades e às omissões governamentais.

Nesse mesmo discurso, entretanto, Sua Excelência confirmou a intenção de autorizar a imigração de milhares de médicos estrangeiros (cubanos) para atuar nas cidades mais carentes do interior do País.

Assusta-nos essa estranha iniciativa, a qual representa uma verdadeira invasão de profissionais estrangeiros de capacidade e intenções não bem definidas, desprezando, tacitamente, a implantação de um programa autóctone, de médio e longo prazos, que poderia suprir as mesmas carências.

Sabe-se que o vizinho País, mercê de sua pequena população, tem a capacidade de produção média, anual, de cerca de 300 médicos, o que demandaria medidas excepcionais para acelerar essa formação, não se sabe com que qualidade, a fim de atender a tal necessidade emergencial.

O perigo maior é que esse projeto possa envolver objetivos não declarados de influência gradativa no comportamento político dessas populações simplórias e menos favorecidas do interior.

Observa-se, também, que os profissionais seriam recrutados no único país do mundo que, atualmente, ainda vive em um regime plenamente socialista, sob um sistema absolutista de governo.

São fatores adicionais de apreensão os ensinamentos do filósofo comunista Antonio Gramsci que preconiza a conquista do poder integral de uma nação por meio da mudança de mentalidade das pessoas, submetendo-as a um tratamento pedagógico gradativo.

Ensina o referido filósofo que, primeiramente, é necessário conquistar a mente das pessoas para, depois, conseguir-se o poder total. Essa é a essência dos ensinamentos deixados por Gramsci (1891-1937) nos seus "Cadernos do Cárcere".

Dessa forma, surgem sérias dúvidas sobre as verdadeiras intenções dessa esdrúxula importação de médicos e se ela não seria a configuração de um "Cavalo de Tróia" do século XXI.

Todos esses fatos levam à certeza de que a sociedade brasileira deve ficar especialmente vigilante para protestar, com veemência, contra a consecução dessa medida, não permitindo que ela seja consumada ■

NOTÍCIAS do CAER

PALESTRAS DE UTILIDADE PÚBLICA E DIVERSÃO

Iniciou-se, no Clube de Aeronáutica, uma série de palestras, programadas para realizarem-se, mensalmente.

No primeiro encontro, o palestrante foi o Cel Int Jorge Cavalcante de Souza, da Pagadoria de Inativos e Pensionistas da Aeronáutica – PIPAR, o qual abordou uma série de assuntos de interesse do público, contando com a presença de 76 pessoas, dentre sócios, dependentes, familiares em geral e amigos.

No segundo, com palestra da Dra Car-

la Montenegro, registrou-se a marca de 55 pessoas, que assistiram e participaram com indagações, tirando suas dúvidas sobre o tema Hipertensão.

Os eventos contaram com a presença do Presidente do Clube, Ten Brig Ar Ivan Frota.

Faz-se importante registrar, em ambos os eventos, a maciça presença do pessoal ligado à CGABEG, que nos abrilhantou com demonstrações de alegria e de amizade.

Ao longo destas palestras, o público presente poderá participar de um Chá

Colonial, divertir-se com fundo musical dançante e comemorar os aniversariantes do mês.

Pretendemos manter esse evento no calendário do Clube, toda terceira quinta-feira do mês. Planejamos, também, realizar passeios e visitas a lugares históricos e turísticos do Rio de Janeiro.

Gostaríamos que os interessados em participar desse grupo entrem em contato com a Assessoria de Comunicação Social, através do telefone (21) 2210-3212.



Sentido horário: Ten Brig Ar Ivan Frota, presidente do CAER, abrindo a palestra; Dr Carla Montenegro falando sobre Hipertensão; Cel Int Jorge Cavalcante de Souza discorrendo sobre a PIPAR; panorama do público presente e confraternização no chá colonial musical



COMISSÃO INTERCLUBES MILITARES



No dia 7 de junho de 2013, realizou-se, no CAER, a última reunião da Comissão Interclubes Militares, ainda com a presença do Alte Veiga Cabral, o qual despediu-se nessa mesma data, após um almoço em sua homenagem.

Na foto, da esquerda para a direita, estão: Cel Ex Paulo Filgueiras Tavares; V Alte Fernando do Nascimento; CMG Paulo Marcos Gomes Lustoza; C Alte Antônio Fernandes Pereira; Gen Ex Renato César Tibau da Costa; V Alte Ricardo Antônio da Veiga Cabral; Ten Brig Ar Ivan Frota; Cel Int Aer Lúcio Wandek de Brito Gomes; Gen Bda Benedito Lajoia Garcia; Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes; Cel Av Nylson de Queiroz Gardel.

NOVO ENSAIO PUBLICADO

O Ensaio nº 10 – *O Poder Aéreo e seus Teoristas* – de autoria do Maj Brig Ar Lauro Ney Menezes, publicação do CAER, relativo ao Pensamento Brasileiro, foi lançado na Festa da Caça (Almoço dos Caçadores) em 21 de abril de 2013, na Base Aérea de Santa Cruz – BASC, com a presença do Comandante da Aeronáutica, Ten Brig Ar Juniti Saito, e dos jovens caçadores.



MENSAGEM DOS LEITORES

Ten Brig Ar Cleonilson Nicácio Silva – *Ministro do STM* – Agradecendo a remessa da Revista Aeronáutica, parabenizando pelo trabalho realizado e formulando votos de continuado sucesso.

Senador Alvaro Dias – Registrando o recebimento da correspondência datada de 12 de abril, encaminhando um exemplar da Revista Aeronáutica de nº 282. Agradecendo e apresentando seus protestos de elevada estima e consideração.

Deputado Federal Lincoln Portela – Com cordial cumprimento, confirma o recebimento da Revista Aeronáutica nº 282, agradecendo a lembrança e atenção, parabenizando pelo excelente trabalho e renovando seus votos de apreço e distinta consideração.

Senador e Professor Cristovam Buarque – Acusando o recebimento do gentil envio da publicação Revista Aeronáutica de nº 282.

Senador Aécio Neves – Comunicando haver recebido a edição da Revista Aeronáutica, agradecendo o espaço colocado à sua disposição e confirmando que sua equipe entrará em contato, oportunamente, com nosso veículo.

Ten Brig Ar Nivaldo Luiz Rossato – *Comandante do COMGAR* – Honrado, agradece a gentileza do envio do DVD e da edição nº 281 da Revista Aeronáutica e formula votos de continuado sucesso, apresentando seus cumprimentos de especial apreço e consideração.

Maj Brig Ar Luis Antonio Pinto Machado – *Comandante do II COMAR* – Afirma que, na pessoa do seu Comandante, tem o sentimento do dever cumprido e a satisfação de ter podido apoiar a Viagem de Estudos à Amazônia do Grupo de Estudos do Curso do Pensamento Brasileiro III. Agradece o envio da Revista Aeronáutica, formulando votos de felicidades e continuado sucesso.

NOTA DO EDITOR

Agradecemos as manifestações dos leitores, estendendo nossa gratidão aos colaboradores, que valorizam as nossas edições, deixando-lhes espaço aberto para o envio de textos.

Credenciais do Pensamento Brasileiro em Portugal

Araken Hipolito da Costa - Cel Av
Coordenador do Grupo de Estudos
do Pensamento Brasileiro
Diretor do Departamento Cultural
do Clube de Aeronáutica

Neste 8 de abril de 2013, o Grupo de Estudos do Clube de Aeronáutica sente-se feliz por estar em Portugal, terra de nossos ancestrais, quando, coincidentemente, se comemora o Ano do Brasil em Portugal.

Queremos externar nossos agradecimentos às palavras do Embaixador Mario Vilalva e, também, a acolhedora recepção que nos foi dispensada por todos os presentes nesta tarde, na bela Embaixada do Brasil.

Ao Cel Av Roberto Ferreira Pitrez, Adido do Exército e Aeronáutica em Portugal, pela organização do programa a ser cumprido pelo Grupo de Estudos, nesses dez dias de permanência no querido solo lusitano.

Agradecemos, também, a presença do convidado e ilustre filósofo português, o Prof. Dr. José Esteves Pereira – vice-reitor da Universidade Nova de Lisboa, presidente do Instituto de Filosofia Luso-brasileira.

Com a devida autorização do nosso embaixador, faremos um breve relato da criação do Grupo de Estudos, dos seus objetivos e dos trabalhos a serem desenvolvidos.

Em 2006, no Clube de Aeronáutica, sob a presidência do Ten Brig Ar Ivan Frota, foi criado o Grupo de Estudos, contando com a parceria da Academia Brasileira de Filosofia, presidida pelo Prof. Dr. João Ricardo Moderno. Foi composto por 18 pesquisadores e direcionou seus estudos para a Soberania Nacional, Amazônia e Realidade Brasileira.

Somente a partir de 2009, sob a presidência do Clube de Aeronáutica, do Ten Brig Ar Carlos de Almeida Baptista, iniciaram-se os estudos do Pensamento Brasileiro, norteados pelo Prof. Dr. Francisco Martins.

Ao longo desses sete anos de existên-

cia do Grupo de Estudos, foram realizados: dois seminários; duas viagens à Amazônia e a outros locais de interesse em visualizar a realidade nacional; três Cursos do Pensamento Brasileiro para 50 participantes em média; produção de artigos para a Revista Aeronáutica; dez ensaios; palestras *online* e a criação do site.

Destacamos a dedicação dos pesquisadores no GE que mantiveram, desde o começo até hoje, a vontade de superar dificuldades e a determinação em aprofundar os conhecimentos. São eles: Prof. Dr. Francisco Martins de Souza; Ten Brig Ar Pedro Ivo Seixas; Brig Ar Tarso Magnus da Cunha Frota; Cel Art Ex Frederico José Bergamo de Andrade; Jornalista João Victorino; Cel Inf Ex Joselauro Justa de A. Simões; Presidente do Ópera Brasil, Fernando Bicudo; Ten Cel Jesse Ribeiro da Silva; CMG Haroldo Belém; CMG Paulo de Paula Mesiano; Engenheiro Antônio Carlos Gomes Siqueira; Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes; Jornalista Paulo Raimundo Pereira Santos; e, mais recentemente, Jornalista Diolásia de Lima Cheriegate; Prof. Elian Araujo; Advogada Ivani Fausto Gomes e Cel Av Luis Alberto Cutrim.

Cabe ressaltar a presença de brasileiros notáveis que nos prestigiaram com suas conferências e acompanhamentos dos nossos trabalhos, tais como: Antonio Paim, Ricardo Vélez, Carlos Nejar, Jerônimo Moscardo, Carlos Frederico, Ralph Zerkowisk, Marcela Maria, Geraldo Bellocchio, Antônio Edmilson, Nelson Mello e Souza, Ives Gandra, Maria Beltrão, dentre outros.

Enaltecemos a fidalguia do Comandante da Aeronáutica, Ten Brig Ar Juniti Saito, por seu apoio ao curso e, também, proporcionando a realização das viagens de estudos pelo nosso imenso país.

O nosso mentor e querido Prof. Dr. Francisco Martins participou do grupo sob

a liderança de Miguel Reale e ampliou seus conhecimentos no doutoramento sobre o pensamento luso-brasileiro na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, tendo como tutor o Prof. Dr. Marcelo Caetano. Estes conhecimentos, vivenciados pelo Prof. Dr. Francisco, foram inoculados no espírito de cada membro pesquisador do Grupo de Estudos do Clube de Aeronáutica.

Fato significativo aconteceu em 2012, quando o Grupo de Estudos do CAER decidiu ampliar o universo do Pensamento Brasileiro além da filosofia, incluindo duas manifestações mais abrangentes da cultura: religião e artes. Deste modo, iniciou um novo ciclo, com variadas conexões, e almejou produzir bons frutos ao pensamento brasileiro.

A grande questão do pensamento brasileiro é querer saber quem é o “Ser Nacional” e que “Nação” é esta.

Sem sombra de dúvida, é possível dizer que o pensamento brasileiro nasceu, propriamente, no século XVIII, com as ideias de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), o Marquês de Pombal, que pretendeu efetivar uma ruptura radical com a tradição da cultura portuguesa, em que procurava transformar o chamado “*Saber da Salvação*”, no ensino da Universidade de Coimbra, em um saber, de fato, científico. Estes primeiros parâmetros, somados à intenção de formar um Império além-mar, com a língua portuguesa e instituições jurídicas, acabaram por orientar o desenvolvimento das instruções estratégicas do “Novo Mundo”.

Outro aspecto relevante, a ser destacado, foi o encontro das culturas em novo território. Chegando nestas terras, o conquistador português já encontrou os indígenas, incorporando ao território, logo depois, o trabalho escravo do negro africano. As peculiaridades de cada uma dessas etnias, somadas, gerou uma verdadeira

“miscigenação cultural”, que hoje, perfaz, concretamente, a nossa cultura.

Além dessa experiência singular e bela da miscigenação, dois fatores muito importantes alicerçaram as bases da nascente civilização: primeiramente foi a determinação de se manter um território indiviso e depois foi a necessidade de se preservar a unidade da língua trazida pelo colonizador.

Quanto à formação do homem brasileiro, constatamos que os homens portugueses chegaram ao Brasil, praticamente desacompanhados, e os escravos, sendo, em média, de três homens para uma mulher. A miscigenação dessas raças com as mulheres indígenas resultou em um povo com sistema imunológico mais resistente. Assim, o nosso país teve um significativo aumento demográfico, sendo o “útero indígena” a grande mãe da nação brasileira. Embora exista considerável volume de obras sobre o processo de formação histórica da nacionalidade brasileira, esses estudos não nos esclarecem totalmente. Indicam que a consciência clara do “Ser Brasileiro” surgiu na terceira geração aqui nascida.

A formação do Brasil e, conseqüentemente, a do brasileiro, sofreu influências do autoritarismo político e intelectual português, notadamente na criação do Estado, aliás, como demonstrou o fato histórico da Independência, quando nos tornamos Império antes de nos tornarmos nação. Este autoritarismo criou o Estado Forte, que permanece até os dias atuais, oscilando entre governos condutores e governos populistas e mantendo-se no poder, uns pela força e, outros, por políticas questionáveis. Esta situação é agravada por não existir uma Filosofia Política Nacional, a fim de ordenar o Estado. O Estado interfere como indutor da economia como modelo corporativista – nem liberal nem coletivista – dificultando a força empresarial, desde os primórdios, como o ocorrido com o Visconde de Mauá.

O processo de formação do Estado Moderno foi caracterizado pela unidade territorial, unidade das Forças Armadas, unidade de soberania e unidade de governo. Paralelamente, aconteceu a adoção das línguas nacionais na produção nacional.

O Estado Português se organizou ao longo do processo de expulsão dos mouros e de afirmação da independência em relação a Castela, processo iniciado por

D. Afonso Henriques em 1128 e que está, virtualmente, concluído, com a ascensão ao trono da Casa de Avis, em 1385.

Outro aspecto fundamental, na formação do Estado Moderno, foi o nascimento das filosofias nacionais, não em oposição à filosofia universal, mas como reflexões e investigações suscitadas por problemas filosóficos que marcaram as distintas traduções nacionais.

Podemos demonstrar, como exemplos: a racionalidade de René Descartes (1596-1650) o qual colocou a razão humana como a instância legítima da verdade. Sua filosofia lançou as bases para a construção da nação francesa.

Por outro lado, o empirismo de John Locke (1632-1704), além de realçar a importância da experiência na elaboração do conhecimento humano, alicerçou o liberalismo e a construção cultural da nação inglesa.

O Criticismo de Kant (1724-1804) representou um esforço em avaliar os alcances da razão humana, propondo que o problema central de toda crítica é o juízo. A revolução copernicana de Kant trouxe os arcabouços para a formação política da Alemanha.

Já o pragmatismo de William James (1842-1919) conferiu um papel determinante à ação e à prática na definição da verdade, que é a expressão fiel do modo de pensar e agir do povo americano.

No Brasil, a partir da Escola de Recife (Séc. XIX), em Pernambuco, iniciou-se, com Tobias Barreto, uma corrente filosófica nitidamente brasileira, o “culturalismo”. Tobias Barreto afirmou que é pela cultura que o homem vai-se diferenciar dos demais entes naturais. Destacou-se, portanto, da natureza, com esta faculdade que lhe é própria e, a partir daí, observou o mundo e procurou dar-lhe sentido, desenvolvendo sempre as formas do conhecimento que brotam e evoluem ao longo da história. Esta corrente sugeriu que o homem, através das potencialidades da cultura, viabilizasse a necessária integração com o mundo científico. Tal pensamento permeou a construção do pensamento brasileiro, unindo matrizes do positivismo, do liberalismo e do idealismo Kantiano ao âmbito da moralidade, alicerçada, por sua vez, a partir de fundamentos oriundos do cristianismo. Dessa inter-relação de correntes nasceu o Pensamento Filosófico Brasileiro.

A formação do Estado Moderno exigiu a unidade das Forças Armadas. No Brasil, a Marinha nasceu com a chegada da corte de D. João VI, em 1808. Com a criação da Real Academia Militar, em 1810, nasceu o Exército. O currículo de modelo pombalino é meramente profissional de cunho científico, não contemplando nenhuma abertura para temas filosóficos ou ético-políticos, destinando-se à formação de engenheiros e de oficiais do Exército.

Após a Guerra do Paraguai (1865-1870) surgiu um novo Exército e uma nova Marinha, que somados ao positivismo inoculado na Escola Militar da Praia Vermelha, pelas mãos de Benjamim Constant, compõem o pensamento militar brasileiro.

Augusto Comte (1798-1857) embriagado com o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da indústria daquela época, desenvolveu o positivismo, primado na ciência e no entusiasmo que a ordem na sociedade promoveria o progresso. No positivismo de Comte, a filosofia é uma espécie de guardiã das ciências, tirando o seu aspecto crítico e metafísico. Desta forma, o Pensamento Militar Brasileiro, apoiado no positivismo, idealizou a doutrina da Escola Superior de Guerra (ESG) e planejou o desenvolvimento, a segurança e a integração do território brasileiro e, ao mesmo tempo, o planejamento das condições do desenvolvimento tecnológico brasileiro.

Outro segmento vital para se entender o Pensamento Brasileiro, encontramos nas artes, que é uma manifestação do espírito, em que se insere a cultura popular brasileira, a qual traduz a sensibilidade da alma nacional. A cultura popular é aquela que sofre menos a influência do mundo globalizado, por isto, a sua valorização é um poderoso instrumento de afirmação da identidade nacional. A nossa cultura popular, fortemente inspirada no folclore, é de base essencialmente lusitana, embora o indígena e o negro, evidentemente, tenham dosado essa formação, contribuindo com seus rituais, seus cantos, suas músicas e suas danças e, atualmente, é intensamente mestiçado. A cara do Brasil de hoje é dotada de múltiplas facetas culturais, entre outras, da alegria negra do samba, do sentimento de liberdade e de vida comunitária dos ritmos e danças indígenas, e da nostalgia portuguesa do Fado.

A literatura brasileira é um manancial

de informações sobre o “Ser Nacional”, da formação da sociedade, das suas manifestações culturais, da manutenção e divulgação da língua pátria e participe da identidade nacional. Destacamos: José de Alencar (1829-1877), sobre o índio; Euclides de Cunha (1866-1909), a psicologia do sertanejo e dos costumes; Câmara Cascudo (1898-1986), folclore e etnografia; Gilberto Freire (1900-1987), formação do brasileiro e Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, dentre outros, com suas visões de Brasil.

Ponto marcante para a nossa literatura foi a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1896, e a figura ímpar de Machado de Assis (1839-1908), com um extraordinário legado à nossa brasilidade. Um exemplar desta intenção é seu artigo “Instinto de Nacionalidade”.

Desdobramentos da nossa literatura encontraremos na Semana de Arte Moderna, idealizada pela elite intelectual e artística paulista, em 1922, 100 anos depois da Independência. Questionava a identidade nacional do ser brasileiro e, também, procurava desligar-se das influências artísticas europeias, especialmente a francesa, na tentativa de encontrar as raízes nacionais. No pensamento antropofágico de Oswald de Andrade brinca-se que todos aqueles que desembarcassem no Porto de Santos, no litoral de São Paulo, necessitariam da vacina antropofágica, transformando-se e adotando os sentimentos da brasilidade.

Embora a pintura portuguesa não representasse uma tradição pictórica em termos absolutos, como a espanhola e a francesa, surgiu, na Semana de Arte Moderna, a obra Abapuru, de Tarsila do Amaral. Posteriormente a construção do MASP, em 1947, as bienais, a partir de 1950, a explosão dos modernistas a Hélio Oiticica, propiciou, hoje, o reconhecimento internacional da estética brasileira.

No mundo das imagens, como as artes plásticas, o cinema nacional iniciou-se com a fundação, no Rio de Janeiro, em 1941, da Atlântida Filmes, apresentando as chanchadas, de gosto popular e com o cunho nitidamente brasileiro. Em São Paulo, em 1950, surgiu a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em que foi produzido o filme “O Cangaceiro”, em 1953, com diálogos de Rachel de Queirós, premiado no Festival Internacional de Cannes. Em 1969, Joaquim Pedro de Andrade levou para a tela o perso-

nagem Macunaíma, de Mário de Andrade. E logo a seguir apareceu o Cinema Novo, em que Glauber Rocha despontou.

A Arquitetura anterior das casas portuguesas, aquedutos, passando pelas esplendorosas igrejas barrocas, chegou à modernidade brasileira com a construção de Brasília.

Nessa mesma Semana de Arte Moderna, a música de Carlos Gomes e Villa-Lobos encarnou o espírito brasileiro e se projetou no campo internacional. A riqueza musical transpirou as alegrias e tristezas do nosso povo, como representantes da legião de compositores, tais como: Noel Rosa, Pixinguinha, Luiz Gonzaga, Ernesto Nazaré, Tom Jobim e tantos outros, manifestando-se no choro, no frevo, no forró, no samba, na bossa nova e no tropicalismo.

O terceiro segmento formador do pensamento brasileiro foi o religioso. A nossa catequese foi com os jesuítas. O catolicismo firmou-se e tornou o Brasil o maior país católico do mundo. Temos uma característica devocional da nossa fé, que produz multidões nas peregrinações a Aparecida, em São Paulo; a Juazeiro, no Ceará, para visitar o monumento ao Padre Cícero; e o Círio de Nazaré, em Belém do Pará.

A filosofia social no Brasil norteia-se pela busca do bem comum dos cidadãos, alicerçados pela orientação da filosofia tomista. Os valores nacionais fundamentam-se na ética cristã e nos valores absolutos do cristianismo como verdade, bondade, justiça, sabedoria e amor, os quais estão na base da ação prática de nosso povo, e do desejo que temos de uma nação mais justa e mais plenamente cristã. Tais valores repudiam, em sua essência, todas as formas de materialismo e totalitarismo, típicas de regiões fascistas e comunistas.

Como anjos anunciadores, a Comunicação Nacional consolidou a língua portuguesa, moldou a unidade nacional e, sobretudo, tornou pública a alma nacional. O primeiro jornal brasileiro, criado em 1808, foi o “Correio Braziliense”, de Hipólito da Costa, editado em Londres, sendo o “Jornal do Comércio”, de 1827, o mais antigo em circulação.

Embora Roquete Pinto seja o pioneiro da radiodifusão, em 1936, foi a Rádio Nacional que se firmou como o maior veículo de comunicação até os anos 1960.

Em 1950, Chateaubriand criou a TV

Tupi. Mas, a partir de 1965, a TV Globo, de Roberto Marinho, aproveitou a linguagem estética das artes plásticas, do cinema, da ópera brasileira. O carnaval e as danças do nosso folclore, somado ao conteúdo do rádio, transformou-se em um veículo nacional, impondo uma forma de pensar, através de suas novelas, seu jornalismo etc. Recentemente, a TV Globo ampliou sua área de atuação, levando a língua portuguesa a mais de 280 milhões de pessoas.

Nos estudos realizados pelo Grupo de Estudos, observamos que o homem é um Ser Cultural, na visão ética; vimos que é livre, na visão ontológica; que é espírito e a imagem de Deus. Analisando a trajetória do Ser Brasileiro, mostrou-se a superação dos conflitos nos momentos cruciais da nossa história. Essa superação delineou, também, a formação do espírito do brasileiro tão bem sintetizado por Ribeiro Couto (1898-1963), membro da Academia Brasileira de Letras, como sendo o espírito do “homem cordial”. Do homem cordial há uma projeção para o círculo familiar e o Estado.

O pensamento nacional é, em suma, erigido pelo seu valor universal. Nisto reside sua força e presença junto aos outros povos. Assim sendo, a alma cordial de nosso povo tem sido, no transcurso do tempo, um exemplo de diplomacia, tolerância e entendimento para todas as culturas, os credos e os povos. O Brasil nasceu de um projeto português de universalidade de viver em paz com todos os povos.

Um padrão de instituição brasileira capaz de mostrar a maneira de ser de um povo cordial foi o Itamaraty. Barão do Rio Branco (1845-1912), exemplo da nossa diplomacia, com seu profissionalismo apolítico e sua convivência pacífica entre nações, deixou um legado como ensinamento, conceitos, exemplos, princípios e valores.

Assim, estudar o pensamento brasileiro nos permite tomar consciência, gradativamente, do que é, de fato, “ser brasileiro”, além de nos estimular a preservar a cultura e os valores nacionais, partes singulares da nossa brasilidade, daquilo que nos constitui como nação e, sobretudo, a necessidade de elaborar o entendimento de que a nação deve prevalecer sobre o Estado. Mas, ainda há muitos mistérios a serem desvendados no carimbó, no bumba-meu-boi e no samba deste povo que dança e é feliz na Terra de Santa Cruz ■

O PENSAMENTO BRASILEIRO NO BERÇO PORTUGUÊS

João Victorino

Jornalista

Membro do Grupo de Estudos

fevijo@gmail.com

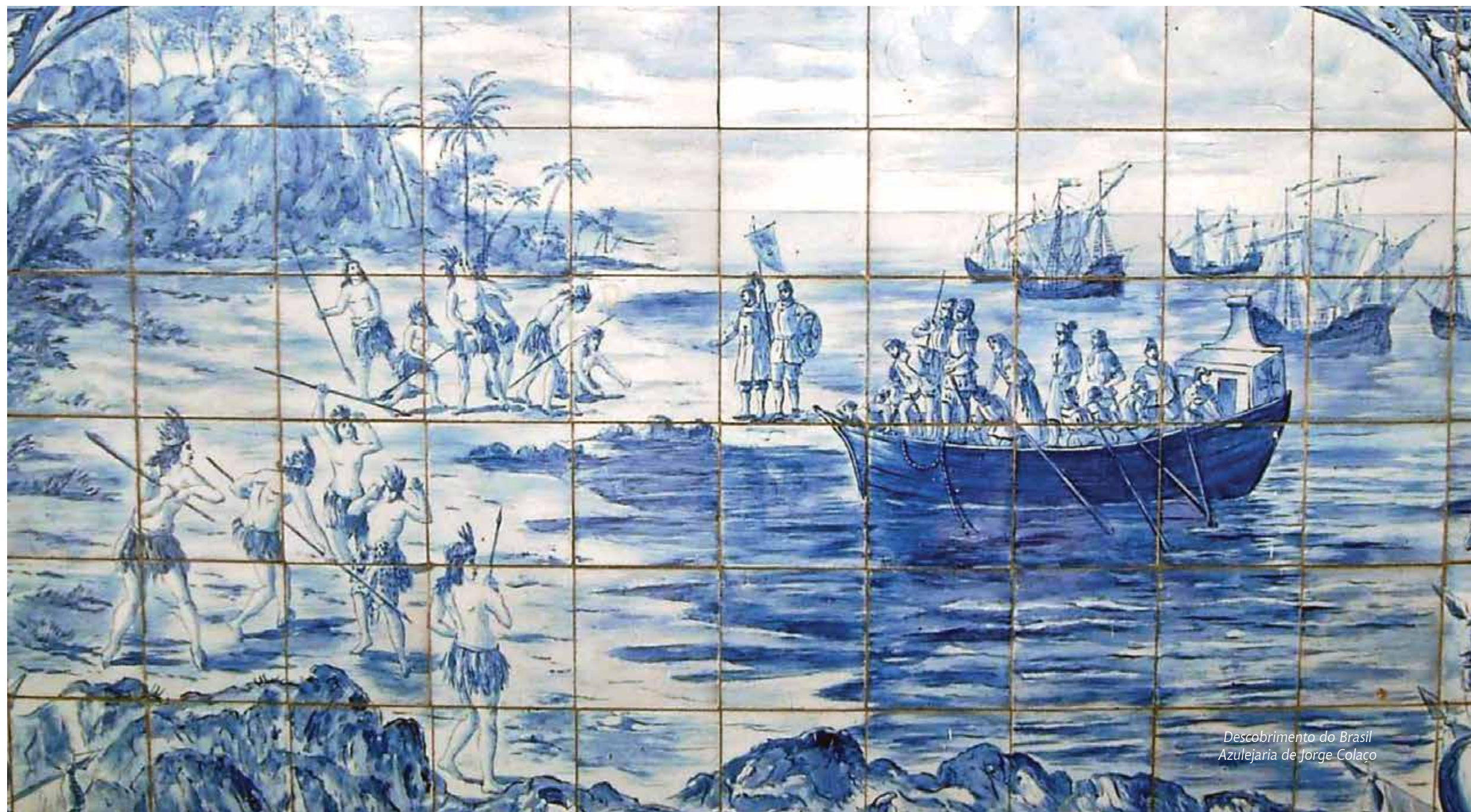
Há pouco mais de sete anos, um grupo de civis e militares vem se dedicando com afinco a desvencilhar todo o emaranhado de informações que têm procurado constituir a verdadeira imagem da formação de um ser tipicamente nacional, de um pensamento nitidamente brasileiro.

Após se debruçar sobre as questões filosóficas, o grupo começou uma caminhada pela Região Amazônica para aprofundar tudo aquilo que os filósofos transmitiram. E também vivenciar, in loco, a miscigenação de povos, costumes e culturas que foram importantes na composição dos brasileiros. Não há quem não tenha saído de lá engrandecido, impactado.

Desta vez, a viagem foi ao continente europeu. Há muito, Portugal vinha sendo cobiçado. Do Tejo partiram as naus de Pedro Álvares Cabral, que aportaram na Terra de Santa Cruz, em 1500, dando início a uma nova civilização, de origem lusitana, na América do Sul. Penetrar nas entranhas da história de nossos descobridores, de quem nos permitiu dar os primeiros passos, era um sonho há muito acalentado.

Para que isso fosse possível, além do incentivo e encorajamento oferecido pela Força Aérea Brasileira, o grupo contou com o incansável apoio do Cel Av Roberto Ferreira Pitrez, Adido do Exército e da Aeronáutica, credenciado junto à nossa embaixada em Portugal. E a turma não hesitou em custear as suas próprias despesas, da passagem aérea – em conceituada companhia internacional – à estadia. Afinal, cultura e saber não têm preço.

Antes de entrar no âmago propriamente dito da alma portuguesa, o grupo esteve reunido com o nosso representante diplomático em solo português. O Embaixador



Descobrimento do Brasil
Azulejaria de Jorge Colaço

Mario Vilalva traçou um minucioso quadro das relações bilaterais e da real importância do trabalho diplomático desenvolvido.

Além de mostrar o trabalho que vem sendo realizado, no sentido de ampliar, cada vez mais, a presença do Brasil no continente europeu a partir de Portugal, dentro de uma política fortalecida pelo ecumenismo diplomático, o embaixador também vem sendo um importante defensor do nosso idioma.

Por isso mesmo, nos encontros com representantes de outros países, radicados em Portugal, mesmo que seja questionado pelo interlocutor num outro idioma sempre responde em português, pois não admite que seja de outra maneira.

Também considera ser muito importante para a expansão e a consolidação da língua portuguesa, que ela não se restrinja à cultura, à literatura, mas que seja utilizada

pelos engenheiros e homens de negócio, por exemplo. Assim, acredita que o sexto idioma mais falado no mundo tenha o destaque que lhe é devido, no âmbito mundial.

Essa defesa pelas raízes portuguesas, ganhou ainda mais realce, pois aconteceram na nossa chancelaria, que ocupa um belíssimo prédio do séc. XVII, a “Quinta de Mil Flores”, que guarda um acervo histórico, arquitetônico e artístico de valor

inestimável, como os painéis de azulejaria azul e branca e a capela dedicada a N.ª S.ª da Rocha. O Brasil não poderia estar mais bem instalado.

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

O Estado-Maior da Força Aérea Portuguesa ofereceu ao grupo uma ampla e detalhada perspectiva da sua atuação na defesa aérea do espaço nacional. O Major-

-General Piloto Aviador Antonio Afonso dos Santos Allen Revez e o Cel Alberto Francisco apresentaram o projeto de expansão da área da plataforma continental, prevista até 2015, indo bem além do continente e englobando a área da Madeira e Açores.

Após tomar conhecimento do hoje e do amanhã, o grupo foi conhecer um pouco do passado. O Palácio Nacional de Queluz, residência de D. Maria I e Dom



Ten Brig Ar Paulo Roberto Cardoso Vilarinho e o Embaixador do Brasil em Portugal, Mário Vilalva



Embaixador Mário Vilalva e Cel Av Pitrez recebendo o Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro na Embaixada do Brasil



Grupo de Estudos visita a Força Aérea Portuguesa. Ao centro, Maj Gen Allen Revez e ao fundo, Cel Alberto Francisco

Pedro III, o responsável pela construção do prédio, foi o primeiro passo.

Sintra veio a seguir. Uma região com marcas da passagem de celtas, romanos e mouros foi reconhecida pela Unesco, em 1995, como Patrimônio da Humanidade. Era o refúgio dos monarcas portugueses do século XIII até o final do XIX. O Palácio da Pena, construído em meados do séc. XVIII por Dom Fernando II, o consorte alemão de D. Maria II, mostra um pouco da arquitetura romântica alemã. Anteriormente, esse prédio foi o Mosteiro de

Coordenador do GE, Cel Av Araken e o Adido do Exército e Aeronáutica em Portugal, Cel Av Pitrez



Nª. Sª da Pena, ocupado pelos monges Jerônimos, e datado de 1503.

Um pouco mais de história em Tomar, reconhecida como cidade templária, que começou a se estruturar a partir da construção do Castelo, em 1160, por decisão do Grão-Mestre da Ordem do Templo, D. Gualdim Pais. O espaço passou a ser a sede dos cavaleiros-monges em Portugal.

Tendo o General da Força Aérea Portuguesa, José Armando Vizela Cardoso como guia e anfitrião, ao lado de João Victor da Silva Pereira, um templário residente em Coimbra, o Grupo de Estudos tomou conhecimento da história que cerca toda a região, nos mínimos detalhes, tais como: a Torre Templária da Quinta da Cardiga; a Igreja de Santa Maria dos Olivais e a de São João Baptista; o Convento de Cristo e as muralhas do Castelo.



Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes entrega placa ao Maj Gen Allen Revez

AO ENCONTRO DA ARTE E DA CULTURA

O primeiro contato com o Porto, ao norte de Portugal, foi através do Quartel de Santo Ovídeo, cujo prédio foi erguido a 20 de fevereiro de 1790, por Aviso Régio de D. Maria I, e, atualmente, é a sede do Comando do Pessoal do Exército, bem próximo à Igreja da Lapa, onde repousa o coração de Dom Pedro I (Dom Pedro IV, em Portugal), desde 1835, por decisão testamentária dele. O corpo ficou no Panteão dos Braganças, na Igreja de São Vicente de Fora, até ser trasladado para o Monumento do Ipiranga, em São Paulo, aqui no Brasil.

O Ten Gen Luís Miguel Negreiros Moraes de Medeiros ofereceu uma ampla explanação sobre as características históricas do prédio, ressaltando que o Porto tinha uma ligação histórica, arquitetônica

e visual com o Brasil. E que o prédio onde o Comando estava instalado apresentava murais e telas em que se podiam notar a presença de Dom Pedro IV (o nosso Dom Pedro I).

Para marcar a presença do Grupo de Estudos naquele prédio, fez questão de solicitar ao Ten Brig Paulo Roberto Cardoso Vilarinho, Diretor do INCAER, que deixasse registrada uma mensagem no Livro de Ouro do Comando, seguida pela assinatura de todos os integrantes do grupo. E, também, entregou ao Grupo, através do 2º Vice-Presidente do Clube de Aeronáutica Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes e o Cel Av Araken Hipólito da Costa, Diretor Cultural, uma placa lembrando a passagem por ali.

Após esse contato com um pouco da história, do passado, o grupo foi conhecer



Ten Gen Luís Miguel de Negreiros Moraes de Medeiros, Cmte do Pessoal do Exército, discursa para o GE



Fundação Serralves, Porto

a Fundação Serralves, um projeto idealizado para abrigar um museu de arte contemporânea, a partir de um prédio Art Déco, dos anos 1930, obra do francês Charles Sicilis, que foi residência do Conde Carlos Alberto Cabral, Segundo Conde de Vizela, e contou com a

participação de René Lalique, Jacques Émile Ruhlmann, Edgar Brandt e Marques da Silva. O projeto do espaço físico do museu ficou a cargo do arquiteto Álvaro Siza.

A diretora Odete Patrício não escondeu a alegria de estar à frente desse espaço,

Coração de Dom Pedro I na igreja da Lapa, Porto



Ten Cel Coelho dos Santos que nos ciceroneou no Porto



Casa da Música - Porto

pois admite que a Fundação tem contribuído com a cultura portuguesa com o que há de melhor em arte contemporânea internacional, inclusive, com constantes exposições de artistas brasileiros, como Beatriz Milhazes e Adriana Varejão.

Nessa visita, o grupo acabou desfrutando da companhia do Embaixador Gelson Fonseca, recém-indicado para o comando do Consulado Geral no Porto, que trocou uma visita protocolar por algo mais descontraído.

A seguir, a turma seguiu para a Casa da Música, um prédio de 12 andares, com requintadas salas de concerto, dentro dos mais modernos padrões de acústica e conforto, bem como pequenas salas para ensaio, num projeto do arquiteto

Rem Koolhaas, e cuja abertura ocorreu em 2005. Esse prédio é considerado como um dos cartões-postais da cidade.

ÉVORA NAS ASAS DA EMBRAER

Atravessando a Ponte 25 de Abril, o grupo foi a Évora, no Alentejo, conhecer sobre a presença de romanos e outros povos naquela região, e, também, tomar conhecimento de um empreendimento, um marco, com a instalação da Embraer.

Primeiramente, o grupo fez um reconhecimento táctico da cidade, incluindo a Catedral dedicada à N^a. S^a do Ó (séc. XIII/XIV); a Igreja Real de São Francisco (séc. XV/XVI), tendo ao lado a Capela dos Ossos (XVII), com as paredes e o teto incrustados de ossos huma-

O Emb. Gelson Fonseca Junior, Consul Geral do Brasil no Porto, ao receber a placa do Clube da Aeronáutica, pelas mãos do jornalista João Victorino



nos; o Largo Conde Vila Flor, com as Ruínas do templo romano (séc. I) e a histórica Praça de Giraldo.

Finda essa visita de muita história e cultura, o grupo foi conhecer as instalações da Embraer, recebidos pelo diretor João Taborda, que se deslocou de Villepinte, na França, especialmente para mostrar a empresa e comentar a respeito do grande poder que vem exercendo nas relações comerciais de seus produtos, a partir dessa porta de entrada no continente europeu.

O diretor não poupou elogios a quem deu início à Embraer. Disse que: o cupando uma área global de 69 mil metros quadrados, com os mais modernos recursos técnicos e empresariais, inclusive optando

pela luz natural, teve seu começo sendo edificado em 2008, para dar início às atividades em 2010. Dedicar-se à fabricação de estruturas metálicas usinadas (como asas) e conjuntos em materiais compostos (como estabilizadores de cauda).

Sem esconder a sua satisfação em pertencer à Embraer, Taborda comentou que um dos objetivos é levar tecnologia para fora do Brasil e globalizar a empresa. Aliás, esse também é o objetivo do governo português, que imagina transformar aquela região, que atualmente tem uma baixa intensidade industrial, em um polo aeronáutico.

Para finalizar esse périplo em terras d'Além Mar, o Grupo de Estudos retornou um pouco à história dos dois países, visitando o Museu Militar de Lisboa, no Largo do Museu da Artilharia, dirigido pelo Cel Infanteria Luiz Paulo Correia Sodré de Albuquerque, visivelmente apaixonado pelo acervo que está sob a sua guarda.

Esse é o mais antigo museu de Lisboa, um dos mais emblemáticos. Começou a ser organizado em 1842, no "Arsenal Real do Ezersito" (escrita da época), pelo Barão de Monte Pedral, com o objetivo de guardar máquinas, aparelhos e objetos raros e curiosos, sancionado por decreto a 10 de dezembro de 1851, por D. Maria I.



Cel Av Roberto F. Pitrez, terceiro da esq. para a dir., Cel Inf Luiz Paulo Correia Sodré de Albuquerque, ao centro, com o Grupo de Estudos, no Museu Militar de Lisboa

CHEFE DA COMITIVA

- 1 - Ten Brig Ar Paulo R. C. Vilarinho
- 2 - Psicóloga Zilda Sister Vilarinho

COORDENADOR

- 3 - Cel Av Araken Hipólito da Costa
- 4 - Prof Adriana Spata Hipólito da Costa

GRUPO DE ESTUDOS

- 5 - Cel Av Luís Mauro F. Gomes
- 6 - Jornalista João Victorino
- 7 - Ten Cel CD Jesse Ribeiro da Silva
- 8 - Psicóloga Rachel Rochael Almeida
- 9 - Advogada Ivani Fausto Gomes
- 10 - Ten Cel Ex Marcos H. Pontes Freire
- 11 - Cel Av Luís Alberto Costa Cutrim
- 12 - Secretária Paula de Araujo Almeida

CLUBE DE AERONÁUTICA

- 13 - Maj Brig Méd Ricardo L. de G. Germano
- 14 - Advogada Joyce Eliabeth G. Germano
- 15 - Brig Int Hélio Gonçalves
- 16 - Eng Civil Yone Mayra de M. Gonçalves



O Grupo de Estudos com o Gen José Armando Vizela Cardoso, palestrante sobre Templários, no Convento de Cristo



Cel Av Araken Hipólito da Costa recebe maquete do Diretor da Embraer, João Taborda



Agradecimento à Força Aérea Portuguesa

Luís Mauro Ferreira Gomes - Cel Av
2º Vice-Presidente do Clube de Aeronáutica

Lisboa, 9 de abril de 2013

- Excelentíssimo Senhor Subchefe do Estado-Maior da Força Aérea Portuguesa, Major-General Piloto Aviador António Afonso dos Santos Allen Revez;

- Ilustríssimo Senhor Chefe da Divisão de Operações do EMFA, Coronel Piloto Aviador Alberto Manuel Alves Francisco;

- Meus companheiros do Grupo de Estudo do Pensamento Brasileiro.

Para mim é uma grande honra ter o privilégio de apresentar à Força Aérea Portuguesa, como Vice-Presidente do Clube de Aeronáutica (do Brasil), os agradecimentos do Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro, em nome do Presidente do Clube, Tenente Brigadeiro do Ar Ivan Frota, que lamenta não ter podido participar desta viagem a Portugal, mas convidou o Tenente Brigadeiro do Ar Vilarinho, Diretor do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica para presidir a nossa comitiva.

A minha emoção é ainda maior por serem todos os ramos de minha família oriundos de Portugal.

Antes de cumprir esta agradável missão, permitam-me explicar, muito resumidamente, o que fazemos e o que nos trouxe aqui.

Há oito anos, foi criado, no Clube de Aeronáutica, o Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro. Com isso, pretendia-se preencher uma lacuna, porquanto, embora já tivessem sido criados, várias vezes, cursos universitários para o estudo do pensamento brasileiro, muitos em nível de doutorado, por razões inexplicáveis, todos haviam sido extintos.

Com o encerramento do último de que tínhamos conhecimento, organizado na cidade de Juiz de Fora, pelo Professor Doutor Ricardo Velez, tornou-se maior o estímulo para que continuássemos com a nossa pesquisa.

Para o preparo dos membros do Grupo, foram ministrados, com a colaboração da Academia Brasileira de Filosofia, Cursos de Introdução à Filosofia, de História da Filosofia, de Filosofia Política e de Humanidades. Mercê dos conhecimentos adquiridos nesses cursos e nos estudos feitos pelos integrantes do Grupo, foi possível criar o nosso Curso do Pensamento Brasileiro, que já está na sua terceira edição, sempre com a colaboração do Presidente da Academia Brasileira de Filosofia,

o Professor Doutor João Ricardo Moderno, e a organização de seu Vice-Presidente, o Professor Doutor Francisco Martins de Souza; os dois, por feliz coincidência, também de ascendência portuguesa. O Professor Francisco é Doutor em Filosofia com tese sobre o Pensamento Luso-Brasileiro, orientada pelo Professor Doutor Marcello Caetano.

Mas, é impossível compreender o pensamento brasileiro sem conhecer o pensamento português, por isso, dedicamos boa parte do nosso tempo ao estudo do pensamento de que derivamos e de sua participação na formação de nossa identidade.

Estou entre os que não aceitam que o Brasil tenha sido colônia de Portugal. Pelo menos, não no sentido clássico da palavra. Ao contrário do que costuma acontecer com as colônias, Portugal nos criou à sua imagem e semelhança.

Portugal nos deu a sua língua. Portugal nos deu a sua religião. Portugal nos deu a sua organização política e o seu ordenamento jurídico. Portugal nos forneceu a sua arquitetura e inspirou as nossas artes. Portugal trouxe para o Brasil seus melhores cidadãos, que, aqui, construíram toda a estrutura de um Estado moderno. Enfim, Portugal nos transmitiu a sua cultura.

Quem lançou as bases de tudo isso foi um Português, D. João VI. Foi outro Português, filho de D. João, quem proclamou a nossa independência e se tornou o nosso primeiro Imperador, D. Pedro I. Foi o filho de D. Pedro I, o nosso Imperador D. Pedro II, o grande patriota que, no curso de sua longa vida, consolidou a nossa independência e transformou o recém-criado Estado brasileiro no grande Império de língua portuguesa na América do Sul, de cujo legado ainda hoje muito nos beneficiamos, apesar da Proclamação da República em 1989.

Em mais uma evidência de como as nossas Histórias estão entrelaçadas, foi D. João VI, Rei de Portugal, quem reconheceu a nossa Independência, ao assinar o Tratado do Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 1825, e D. Pedro I, depois de abdicar em favor de seu Filho, viria a ser o Rei D. Pedro IV, de Portugal.

Os heróis da nossa formação também são venerados em Portugal.

Como justo reconhecimento por tudo

isso, D. João VI, D. Pedro I, D. Pedro II e sua filha, a Princesa Isabel, são patronos de cadeiras na Academia Brasileira de Defesa, entidade que tem por finalidade preservar os princípios, os valores, as tradições, as instituições, a soberania e a integridade nacionais, e que, hoje, é presidida pelo Tenente Brigadeiro do Ar Ivan Frota e da qual sou, também, Vice-Presidente.

Desse modo, não nos sentimos colônia, mas nos vemos como herdeiros de Portugal, seus sucessores no Novo Mundo.

Com a finalidade de conhecer as nossas origens e estudar a nossa formação é que o Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro do Clube de Aeronáutica veio a Portugal e, como a maioria de seus integrantes é constituída de Oficiais da Força Aérea Brasileira, seria impensável deixar de visitar a Força Aérea Portuguesa.

Como prova do acerto da nossa escolha, os conhecimentos transmitidos por Vossa Excelência e pelo Coronel Francisco foram de inestimável valor que os estudos que faremos quando voltarmos ao Brasil, e nos aproximam, portanto, dos nossos objetivos. Agradeço, muito sensibilizado, o apoio que nos deu a Força Aérea Portuguesa, que tornou muito mais agradável e produtiva a nossa estada.

Peço ao Coronel Aviador Araken, Chefe do Departamento Cultural do Clube de Aeronáutica, que lhe faça a entrega de uma coletânea dos ensaios produzidos pelo Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro e da miniatura de uma escultura feita por ele, Coronel Araken – uma cabeça construída com fios entrelaçados nas cores do Brasil – que se tornou o símbolo do nosso Grupo.

Para materializar o reconhecimento do Clube de Aeronáutica e de seu Grupo de Estudos do Pensamento Brasileiro, passo, agora, às mãos de Vossa Excelência esta placa que, esperamos, possa, em sua simplicidade, simbolizar todo o patrimônio cultural que nos une.

Por último, peço-lhe a gentileza de fazer chegar ao Excelentíssimo Senhor Comandante da Força Aérea Portuguesa, General Piloto Aviador José António de Magalhães Araújo Pinheiro, idêntica placa com a qual agradecemos a generosa acolhida que aqui recebemos.

Esperamos, brevemente, recebê-los no Brasil.

Muito obrigado! ■

COMISSÃO DA VERDADE OU SÓ RETALIAÇÃO?

Olavo Nogueira Dell'Isola
Cel Av
olavondellisola@task.com.br

A tortura – suplício ou tormento violento infligido a alguém – é inaceitável em qualquer situação.

Durante os governos dos Presidentes Militares, nunca soube de, e nunca presenciei, atos de tortura. Tenho plena convicção de que os Generais Castello Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel e Figueiredo, todos de boa formação, corretos, éticos, honestos e bem-intencionados, jamais aceitariam ou dariam ordens para a prática de torturas. Contudo, admito que alguns militares, poucos, possam ter-se excedido e maltratado presos por descontrolo emocional diante de casos muito graves.

Após a anistia, o retorno dos militantes esquerdistas exilados e dos que viviam na clandestinidade, totalmente livres, desembaraçados e sem restrições para o exercício de qualquer atividade; o restabelecimento das eleições e a sucessão de vários Presidentes da República civis – Sarney, Collor, Itamar, Fernando Henrique e Lula –, esperava-se que as Forças Armadas e os militares não sofressem restrições. Lamentavelmente, sofrem, e muito, como se todos os seus integrantes tivessem cometido crimes e tivessem sido condenados a penas perpétuas. Talvez, só uma visão ideológica ou o total desconhecimento da história possa explicar por que pessoas corretas e bem-intencionadas insistem em “pichar” nossos Presidentes Militares como monstros e, ao mesmo tempo, veneram ditadores reconhecidamente sanguinários. Expressões pejorativas às Forças Armadas continuam sendo utilizadas, até por professores de escolas de primeiro grau, em que jovens alunos, idealistas e interessados na verdadeira história do País convivem com “porões da ditadura”, “anos de chumbo”, “preso e torturado” etc. Um ex-militante esquerdista pode ser Ministro de Estado

de qualquer setor, mas um Oficial-General do último posto, da Marinha, do Exército ou da Aeronáutica, com mais de 40 anos de estudos dedicados à defesa do País, de extrema e reconhecida competência, não é designado Ministro da Defesa. Em seu lugar, designa-se um político civil, às vezes, brilhante e competente, mas, desprovido de qualquer qualificação para tão importante cargo. Acusam as Forças Armadas de dificultarem a divulgação dos “arquivos da ditadura” – os arquivos estão e sempre estiveram à disposição de todos os interessados, dentro das normas legais – mas, não revelam quem mandou e quem matou o Capitão norte-americano em São Paulo; quem mandou e quem executou o atentado contra o General Costa e Silva, no aeroporto de Recife, que esfaqueou uma pessoa; quem planejou o envio de militantes para realizar curso de guerrilha em Cuba, qual a finalidade do curso e quais foram os alunos; quem planejou a “Guerrilha do Araguaia”, qual a finalidade e quais foram os militantes para lá enviados etc. A moda é afirmar-se que fulano “foi preso e torturado pela ditadura”. Parece que todo mundo foi “preso e torturado pela ditadura”, devendo somente o acusado apresentar as provas de que não torturou, bastando, à vítima, tão-somente a acusação. Repito, a tortura é inaceitável em qualquer situação, mas a acusação deveria apresentar provas, com testemunhas imparciais, e revelar, também, o que a vítima fazia antes de ser presa. Finalmente, as indenizações concedidas por lei aos “presos e torturados pela ditadura” não deveriam ser igualmente pagas às famílias dos “pracinhas” civis, convocados e mortos na “Segunda Grande Guerra Mundial”?

Se os membros designados para compor a Comissão Nacional da Verdade buscarem, de fato, a verdade, eles irão cumprir muito bem a sua honrosa missão. E a Pátria, certamente, ficará agradecida ■



Pela permanência

Ives Gandra da Silva Martins
Tributarista, professor emérito
da Universidade Mackenzie, presidente
do Centro de Extensão Universitária,
Membro da Academia Paulista de Letras.
igm@gandramartins.adv.br

Seria um desserviço
a extinção da corte
que há 205 anos
cumpre sua missão
no exame de
infrações e delitos
contra as Forças
Armadas

Há ainda de forma incipiente uma clara campanha, algumas vezes veiculada pela imprensa, para a eliminação da Justiça Militar da União, sob a alegação de que a Justiça comum poderia tratar de seus jurisdicionados com a mesma eficiência. Alicerça-se em uma boa dose de desconhecimento.

Criado o Conselho Supremo Militar e de Justiça por alvará de Dom João VI, em 1º de abril de 1808, completa a Justiça Militar no Brasil neste ano seu ducentésimo quinto aniversário. João Barbalho, em “Constituição Federal Brasileira - Comentários”, em 1924, ao justificar sua existência, afirma que a infração do dever militar “por ninguém pode ser melhor apreciada que por militares mesmo”.

É que, em qualquer país democrático

e civilizado, as Forças Armadas têm a função de preservar a nação do inimigo externo, assim como a ordem e a lei, internamente, sempre que sua violação venha desestabilizar as instituições. É, de rigor, o que está escrito no artigo 142 da Constituição Federal.

A hierarquia e a disciplina são os fundamentos das Forças Armadas brasileiras, com minucioso elenco de obrigações na lei suprema, as quais diferem daquelas do poder civil.

Desde a sua criação, a Justiça Militar existe para julgar, exclusivamente, as infrações militares, razão pela qual, na composição do Superior Tribunal Militar, dos 15 ministros, dez procedem da carreira militar, entre oficiais das três armas de mais alta patente (4 estrelas),

da Justiça Militar

e cinco são reconhecidos juristas, indicados pela presidência e aprovados pelo Senado Federal.

A predominância de oficiais de longa carreira decorre de terem vivido mais intensamente as exigências próprias do estatuto militar.

Hoje, no Brasil, as Forças Armadas são compostas de aproximadamente 330 mil cidadãos, sendo que 220 mil estão no Exército, 55 mil na Aeronáutica e 55 mil na Marinha. São, pois, os jurisdicionados da Justiça Militar da União.

Evaristo de Moraes Filho afirmou, certa vez, que o “o milagre brasileiro foi a Justiça Militar, porque ela funciona” e Sobral Pinto declarou: “Eu tenho confiança na Justiça Militar”. Tércio Lins e Silva, no livro “Os Advogados e a Ditadura de

1964”, escreve, ao citar os depoimentos acima, que “a Justiça Militar ajudou a salvar muitas vidas”.

Quando da prisão, em 1970, do advogado Heleno Cláudio Fragozo, o Tribunal Militar ameaçou parar se ele não fosse solto.

Num curto artigo, é difícil enumerar o que tem a Justiça Militar feito de positivo, nestes 205 anos de existência. Pessoalmente, apesar de não atuar junto a Suprema Corte Militar, estou convencido de que uma Justiça especializada para as Forças Armadas é uma necessidade que, de resto, os países civilizados reconhecem, ostentando-a entre suas cortes, alguns inclusive, intitulando-as de Cortes Marciais.

É, pois, a Justiça Militar a mais an-

tiga do país. Sempre teve preocupação e respeito pelos direitos humanos, até por força da Convenção de Genebra e do Direito Humanitário, este para tempo de guerra. A utilização de habeas corpus e mandado de segurança, é nela, habitual.

A própria crítica de que são poucos os processos que o Superior Tribunal Militar tem a julgar, não procede, lembrando-se que julga, anualmente, pelo menos o dobro de processos julgados pela Suprema Corte dos Estados Unidos.

Entendo que seria um desserviço à Justiça brasileira a extinção da Justiça Militar, que há 205 anos cumpre sua missão no exame de infrações e delitos contra as Forças Armadas, cuja estrutura difere profundamente das organizações públicas e privadas da sociedade brasileira ■





PHILIPPE HALSMAN
Mao Marilyn
1952

Manuel Cambeses Júnior

Cel Av

Conferencista especial da ESG, membro titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e conselheiro do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER)

mcambeses@yahoo.com.br

Brics, Chíndia e Chimérica:

os novos *players* da economia mundial

Ultimamente, muito se tem falado sobre os “Brics” – acrônimo criado pelo economista do banco Goldman Sachs, em Londres, de nome Jim O’Neill, no ano de 2001 –, que contém as iniciais dos cinco países que caminham em maior velocidade dentro da economia global, no alvorecer do século XXI: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Também se tornou frequente ouvir a novel expressão “Chíndia”, batizada pelo político indiano Jairam Tamesh, para fazer referência à notável sinergia entre a força manufatureira e a força nos serviços das duas dinâmicas economias: China e Índia. Entretanto, o mais curioso desses novos conceitos foi o surgido na Inglaterra, no ano de 2008, cunhado pelo historiador inglês Niall Ferguson e o economista alemão Moritz Schularick, intitulado: “Chimérica”.

O termo “Chimérica” traduz o profundo entrelaçamento das relações comerciais, produtivas e financeiras entre as duas maiores economias do mundo, situadas em polos diametralmente opostos do planeta: China e Estados Unidos. Alguns analistas, a meu ver erradamente, chegam a comparar esta associação com a União Europeia, devido à intensidade e diversidade que alcança a sua intensa complementaridade econômica. No entanto, é importante destacar que, diferentemente da experiência europeia, a ativa imbricação e a interdependência consolidada em “Chimérica” é mero fruto das circunstâncias e, em nenhum caso, o resultado de uma ação deliberada,

ou mesmo desejada, e incansavelmente planejada, pelos países constitutivos da impressionante e profícua parceria alcançada pelos europeus através de muitos anos de exaustivos ajustamentos.

Muito além dos “mapas de rota” adredemente, traçados pelos países constitutivos da União Europeia, e bem antes da consolidação e ativação do pujante bloco econômico, inclusive com a entronização da moeda única, o Euro, o certo é que, diferentemente do que ocorreu na Europa, os Estados Unidos e a China foram paulatinamente imbricando-se, em termos econômicos e comerciais, e, na atualidade, já não podem, para o bem e para o mal, viver de forma isolada, sem uma intensa e marcante dependência recíproca.

Hodiernamente, a economia estadunidense tem capacidade de seguir funcionando, a meia força, em que pesem os seus gigantescos e reiterados déficits, porque os chineses estão dispostos a absorver as emissões da dívida pública que o governo norte-americano coloca no mercado bursátil. Entretanto, os excedentes chineses não poderiam existir se os americanos não estivessem dispostos a consumir vorazmente os produtos fabricados pela indústria chinesa e a aceitar uma balança comercial habitualmente negativa e favorável ao governo chinês.

No primeiro trimestre de 2012, o governo estadunidense autorizou o repasse aos chineses de 1,4 trilhão de dólares em bônus emitidos pelo Tesouro dos EUA,

como forma de pôr, de novo em marcha, uma economia moribunda, ademais de ativar várias leis de estímulo financeiro.

Faz-se mister destacar que, se de alguma maneira o portentoso país asiático tem, sistematicamente, vindo em socorro, no sentido de resgatar e alavancar a combalida economia americana, vez por outra também, é o responsável, em grande medida, pelo que ocorre na economia do gigante do norte. Ou seja, se não fosse pela disposição e impetuosidade dos chineses de alimentarem-se do déficit dos Estados Unidos, seria impossível que os estadunidenses estivessem tão dispostos a viver acima de suas reais possibilidades, ou que o baixo custo do dinheiro tivesse estimulado o risco financeiro, da maneira com que tem sido feito.

Diante desta realidade, podemos inferir que o termo “Chimérica” traduz-se em uma complexa relação, entre dois portentosos países, que engendra, como corolário, círculos viciosos que se traduzem em desequilíbrios estruturais, no marco de uma dinâmica operativa altamente complexa e, consequentemente, instável.

Certamente, com todos os percalços que possam existir, os Estados Unidos e a República Popular da China constituem, na atualidade, as duas partes da mesma laranja e, consequentemente, apresentam alto grau de interdependência em suas economias. Daí, podemos deduzir que, em realidade, já não podem deixar de viver como num casamento estável e perfeito: um sem o outro ■

Roberto DaMatta
Antropólogo

DIREITA & ESQUERDA

Hoje vou começar com espinhos – com uma dualidade que define o nosso mundo. Qual é o ponto central da oposição entre esquerda e direita – esse dualismo que levou tanta gente (de um lado e do outro) para a prisão, para a tortura, para o exílio, o abandono, a rejeição e a morte? Qual é o rumo desses lados?

Penso que a pior resposta cairia na decisão de ancorá-los num fundamentalismo: numa oposição com conteúdo definitivo. Uma sendo correta e a outra errada já que sabemos que direita e esquerda admitem segmentações infinitas, pois toda esquerda tem uma esquerda mais à esquerda; do mesmo modo que toda direita também tem a sua direita extremadamente direitista. No plano religioso somos, ainda, dominados pelo sagrado (situado à “direita” do Pai); mas, no plano político ninguém – pelo menos no Brasil – é de “direita”. Como ninguém é rico ou poderoso.

Deus e o Diabo seriam os avatares dessa dualidade? Mas, as dualidades não tendem a sumir quando delas nos aproximamos? Ademais, não seriam os dualismos, como sugere um antigo texto de Lévi-Strauss, modos de encobrir hierarquias porque um equilíbrio perfeito jamais existe, e a dualidade mistifica com perfeição as múltiplas diferenças entre grupos e pessoas, juntando tudo de um lado ou do outro?

O ministro presidente do STF, Joaquim Barbosa – depois de fazer um diagnóstico impecável de nossa hierarquia e do nosso personalismo que realizam a indexação de pessoas, tirando-as da universalidade da lei; essas dimensões centrais do meu trabalho de interpretação do Brasil – disse que os principais jornais do país se alinha-

vam para a direita. Joaquim Barbosa seria meu candidato definitivo à presidência da república e estou certo que ele venceria no primeiro turno, mas, ao exprimir tal opinião eu acho, com devida vênia, que ele perdeu de vista o contexto sócio-político do Brasil.

Os jornais estão à “direita” porque todo o governo (e, com ele quase todo o Estado brasileiro) está englobado numa “esquerda” de receitas estatizantes que recobre o dualismo político inaugurado com a Revolução Francesa. A razão para o Estado figurar como o nosso personagem político mais importante e decisivo revela um fato importante: a crença segundo à qual a nossa sociedade malformada, mestiça e doente (destinada, como diziam Gobineau e Agassiz, à extinção pelas enfermidades da miscigenação) teria que ser corrigida por um “poder público” centralizador, autoritário, aristocrático que varreria seus costumes primitivos, híbridos, intoleráveis e atrasados.

A “esquerda” sempre teve como central a ideia de que somente um “estado forte” poderia endireitar as taras, como dizia Azevedo Amaral, da sociedade brasileira. Essas depravações – carnaval, comida, sensualidade, dança, preguiça, música popular... – de origem. Taras que um Estado devidamente “tomado” por pessoas bem preparadas, (a honestidade não vinha ao caso porque não se tratava de uma questão de “moral”, mas de “política”), iria mudar por meio de decretos.

Não é por acaso que a esquerda tem sofrido de estadofilia, estadomania e estadolatria. Daí a sua alergia a tudo o que chega da sociedade e dos seus cidadãos. Coisas tenebrosas como meritocracia, lucro, ambição, mercado, competição e

eficiência. Tudo o que afirma um viés não determinista do mundo.

Vivemos, graças à Procuradoria Geral da República e ao STF, um momento especial porque a “esquerda” foi posta à prova e, ato contínuo, foi implacavelmente desnudada. Posta à prova definitiva do poder, ela revelou-se incapaz de honrar com os papéis sociais cabíveis na administração pública e de dizer “não” aos seus projetos mais autoritários. O resultado tem sido uma reação no sentido de modificação por decreto de mecanismos que buscam arrolhar a imprensa, o judiciário e o ministério público. O ideal, eis que o vejo como reação, seria uma aristocratização total dos eleitos, tornando-os seres inimputáveis. Seria isso algo de esquerda ou de direita?

Uma das forças da democracia é, como viu Tocqueville, a educação contínua do seu estilo de vida. A própria divisão de poderes demanda empatia e não antipatia entre eles. Do mesmo modo, a democracia leva a uma visão para além do econômico, do político, do religioso e do jurídico. É justamente o esforço de uma visão de conjunto que obriga as sociedades abertas a se redefinirem, continuamente, por meio do bom-senso que Joaquim Barbosa tem de sobra.

Ora, isso é o justo oposto de quem deseja que esquerda e direita sejam termos balizadores finais quando o que o momento demanda é que esse poderoso dualismo seja como as nossas mãos. Esses maravilhosos órgãos é que nos tornam humanos e que podem ser usados de modo diverso porque, como sabem os liberais, ambas têm um uso alternado e são importantes na nossa vida pessoal e coletiva ■

Fonte: O Globo



WUNDERKAMMER
OLBRICHT



GOTTFRIED HELNWEIN
Leid Macht Stark

Rodrigo Constantino
Economista

O RISCO BOLIVARIANO

Não existem mais valores objetivos, ninguém pode julgar nada, vale tudo, e quem discorda sofre de preconceito e é moralista.

Com petistas, todo cuidado é pouco. O país assistiu, nos últimos dias, a uma tentativa escancarada de ataque à democracia. Enquanto artistas da esquerda caviar protestavam contra o pastor Feliciano, dando beijos uns nos outros, os “mensaleiros” da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) tentavam usurpar o poder do STF à surdina. Montesquieu ficaria horrorizado com tanto descaso à divisão entre os poderes.

A autoria da proposta de emenda constitucional aprovada é de Nazareno Fonteles, deputado petista pelo Piauí. Não é sua primeira proposta absurda. Em 2004, ele apresentou um projeto de lei complementar que estabeleceria uma “poupança fraterna”. Puro eufemismo: tratava-se de uma medida avançada rumo ao socialismo.

O artigo primeiro dizia: “Fica criado o Limite Máximo de Consumo, valor máximo que cada pessoa física residente no País poderá utilizar, mensalmente, para custear sua vida e as de seus dependentes”. Acima desse valor arbitrário definido pelo governo, a renda seria confiscada para essa poupança compulsória coletiva. Uma bizarrice que nos remete ao modelo cubano.

É realmente espantoso que, em pleno século XXI, ainda tenhamos que combater uma ideologia tão nefasta quanto o socialismo, que deixou um rastro de escravidão, morte e miséria por onde passou. Mas, uma ala petista, com outros partidos da esquerda radical, ainda sonha com essa utopia assassina. Tanto que chegaram a assinar carta de apoio ao ditador coreano!

São os nossos “bolivarianos”, que se

inspiram no falecido Hugo Chávez, cujo “socialismo do século XXI” é exatamente igual ao do século XX. Vide a militarização crescente imposta por Maduro, o herdeiro do caudilho venezuelano, assim como a inflação fora de controle e o aumento da violência. Socialismo sempre estará associado ao caos social e à opressão.

Países que já sofreram na pele com esse regime não querem mais saber de partidos ostentando tal ideologia. A Hungria, seguindo outros países do Leste Europeu, acaba de vetar símbolos nazistas e comunistas. Não há por que proibir a suástica e permitir a foice com o martelo. Ambos representam regimes assassinos, totalitários e antidemocráticos.

Se o socialismo é o mesmo de sempre, a tática para chegar a ele mudou. Hoje, os socialistas tentam destruir a democracia de dentro, ruindo seus pilares, mas mantendo as aparências. Eles aparelham toda a máquina estatal, infiltram-se em todos os lugares, e partem para uma verdadeira revolução cultural, sustentada pelo relativismo moral exacerbado.

Não existem mais valores objetivos, ninguém pode julgar nada, vale tudo, e quem discorda sofre de preconceito e é moralista. Com essa agenda, politicamente correta, os socialistas modernos vão impondo uma mentalidade fascista que, em nome da “tolerância” e da “diversidade”, não tolera divergência alguma.

Triste é ver que alguns homossexuais aderem a esse movimento, ignorando que o socialismo sempre perseguiu os gays. Chega a ser cômico ver o deputado Jean Wyllys usando boina no estilo Che Guevara, um fa-

cínora que achava que os gays tinham de ser “curados” em campo de trabalho forçado.

Como não temos uma oposição política organizada que valha o nome, resta como obstáculo a esse golpe bolivariano, basicamente, a força de quatro instituições: família, igreja, imprensa e Judiciário. Não por acaso são esses os principais alvos dos golpistas. Eles sempre menosprezam o núcleo familiar tradicional, atacam ou se infiltram nas igrejas (vide a Teologia da Libertação ou a própria CNBB), insistem no “controle social” da imprensa, e desejam diluir o poder do Ministério Público e do STF.

Há, até mesmo, uns dois ali que mais parecem petistas disfarçados de ministros. Não é exclusividade latino-americana tentar ir por esse caminho. Roosevelt tentou expandir a quantidade de ministros da Suprema Corte para diluir a oposição ao seu “New Deal”, claramente inconstitucional. Mas, as instituições americanas são mais resistentes e suportaram o golpe. Na América Latina, infelizmente, há terreno mais fértil para populistas autoritários.

Nesse ambiente, os defensores da liberdade e da democracia não podem cochilar jamais. É preciso tomar cuidado com as cortinas de fumaça criadas para esconder o jogo sujo dos bastidores. Foi marcante, por exemplo, a discrepância entre a reação histérica ao pastor Feliciano, e a postura negligente com os “mensaleiros” na CCJ. Estranhas prioridades.

Nossa liberdade corre sério perigo, e seus principais inimigos são os jacobinos disfarçados de democratas. Acorda Brasil! ■

Fonte: O Globo

CONFLITOS DE GERAÇÕES: AS COISAS MUDAM

Maj Brig Ar Antonio Luiz Rodrigues Dias
antonioaluz.dias@caer.org.br

*“Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar”.*

Antonio Machado
Poeta Espanhol – 1910



Há alguns dias, envolvido na doce tarefa de cuidar do meu neto mais novo de três anos de idade, que já esgotara a criatividade com os brinquedos a seu dispor em minha casa, tive a brilhante ideia de buscar, no passado, uma saída para entretê-lo até a hora do jantar. Do fundo do meu depósito de tranqueiras, retirei um velho projetor cinematográfico de 8 mm, mudo, por sinal, que usava quando os meus filhos eram pequenos. Procurei, também, pelos rolos de filmes que comprara, de três minutos de duração, e encontrei dois apenas, sendo um deles a história dos Três Porquinhos em versão resumida pelos estúdios Disney.

Montei o equipamento, coloquei o primeiro carretel e disparei a projeção, deixando a porta ligeiramente aberta. Simultaneamente, apaguei as luzes do quarto, que foi tomado pelo som cadenciado da catraca do projetor ao mover o filme diante das lentes, e pelas imagens de um dos porquinhos que acabara de construir a sua casa de palha.

Pensei comigo: “Sucesso total!”.

Engano.

As primeiras palavras do garoto foram: “Vô, estou com medo”. E tratou de sair logo do quarto, olhando para o filme do corredor, desconfiado, pronto para sair em disparada em direção à sala. Depois de alguma conversa, consegui completar a sessão, sem, no entanto, lograr apresentar-lhe o segundo filmeto.

Dias mais tarde, consegui uma gravação em DVD mais elaborada, em edição sonora e colorida, musicada, do mesmo filme que mostrara ao meu neto anteriormente. A reação, agora, foi totalmente diferente:

“Vô, o porquinho está cantando”; disse, dando gostosas risadas.

Ao pensar sobre o ocorrido, perguntei-me o motivo da minha singela projeção não sensibilizar o pimpolho, embora tanto sucesso fizesse com os meus filhos, lá em Santa Cruz, na década de 1970, obrigando-me a repetições exaustivas.

As crianças de hoje, diferentemente daquilo que se passou com aquelas de boa parte do século passado, vivem em ambientes mais dinâmicos, mais agitados, e passam parte do seu tempo longe do aconchego do lar, submetendo-se, desde cedo, a intenso processo de socialização. Elas, atualmente, sofrem intenso bombardeio diário de informações, seja em casa, seja na creche, ou na rua. Filmes e discos musicais, especialmente preparados, começam a ser digeridos bem mais cedo do que antes (quem ainda não conhece a famosa “Galinha Pintadinha”?), sendo facilitado aos petizes, precocemente, o acesso a toda a parafernália eletrônica disponível no momento: televisão com controle remoto, DVD portáteis, celulares inteligentes, tablets, câmeras fotográficas digitais, por exemplo. Eles, agora, não se limitam mais a agir passivamente; ao contrário, querem (e conseguem, mesmo que de forma limitada) interagir com os equipamentos que lhes são apresentados.

O resultado não poderia ser diferente: os cérebros das atuais crianças reagem, estabelecendo novas ligações, criando processos que lhes permitam interpretar, com a necessária velocidade, os novos estímulos, de modo a obter satisfação com o ambiente circundante. A garotada, enfim, adapta-se para sobreviver. E não se contenta mais com os mecanismos de outrora, detalhe nem sempre percebido pelas gerações mais antigas.

Primeira conclusão: as coisas mudam, assimilando os partícipes a realidade, ou, simplesmente, conflito de gerações

do mais baixo nível, sem consequências significativas para as partes envolvidas.

Não se limita, entretanto, o choque das gerações ao relacionamento de avós e netos.

Lembro-me, por exemplo, de quando comande a Escola Superior de Guerra, em 2004, período em que se desenvolviam ações de reengenharia no Ministério da Defesa, estando em andamento alterações na estrutura organizacional e pedagógica da Escola. As mudanças destinavam-se a consolidar-lhe a transparência administrativa, racionalizando a aplicação de recursos, e a ampliar-lhe o entrosamento com as Escolas de Alto Nível das Forças Armadas e com a área acadêmica civil, atualizando os currículos dos seus cursos, sem perder de vista a finalidade da ESG existir, ou seja, realizar estudos, cursos e ciclos de extensão, compartilhados com os representantes dos segmentos envolvidos, de modo a propiciar ao escalão superior a formação de massa crítica capaz de colaborar e de participar da elaboração e da execução de políticas e estratégias no campo da Defesa Nacional.

Era de se esperar que a simples ideia expressa pela palavra “reengenharia”, naturalmente associada a mudanças, trouxesse, como corolário, a possibilidade de reações contrárias por parte dos afetados pelas novas propostas. E assim ocorreu: a despeito de todo o trabalho de esclarecimento e dos ajustes efetuados à concepção inicial, de modo a não descaracterizar o espírito da Escola, o choque dos novos, executores da orientação do Ministério da Defesa, com os antigos, pertencentes ou não ao efetivo da casa, que acreditavam não se fazer necessárias quaisquer modificações, foi a tônica naquele ano. Quando, em uma palestra para um grupo de ex-estagiários, um de nossos brigadeiros, hoje reformado, perguntou-me sobre o problema e sobre as dificuldades do comando, respondi-lhe, resumidamente, que: havia um processo de modernização em curso,

determinado pelo MD, com a participação de membros do Corpo Administrativo e do Corpo Docente da ESG; a principal dificuldade era, justamente, a reação a que me referi anteriormente; esperava do efetivo da escola – e daqueles a ela relacionados – confiança na atual administração, deixando-a fazer o seu trabalho conforme o planejado, sem atrapalhá-la.

A situação ficou inalterada até o final do ano, quando, com a substituição do Ministro da Defesa, o novo titular – que acumulava o cargo com a Vice-Presidência da República – e assistira a um dos cursos das ADESG anos atrás: cancelou as mudanças programadas por seu antecessor; determinou a criação de outra comissão, a CRESG (Comissão de Reestruturação da ESG), chefiada por um general, antigo ex-comandante, composta, originalmente, somente por docentes da ESG com quem aquele trabalhara; reverteu o cargo de comandante e diretor de estudos, ora ocupado por major-brigadeiro, a oficial-general do último posto da ativa, sonho antigo dos conservadores, ao qual se somava a aspiração de retorno da subordinação direta da Escola à Presidência da República, como acontecera nos seus primórdios, mas que não prosperou. A questão foi solucionada, enfim, de forma essencialmente política.

Segunda conclusão: as coisas mudam, mas nem sempre são percebidas, ou são desprezadas, dada a força dos costumes já enraizados; significa dizer confronto de gerações em nível elevado, em maior grau de complexidade, dentro de organizações de Estado, entre adultos, entre partes orientadas por diferentes paradigmas, entre as gerações da transparência, conservadora, e a do Power Point, renovadora, muitas vezes prejudicando, retardando, ou impedindo a consecução dos objetivos pré-estabelecidos, com consequências a sentir em longo prazo.

Há conflitos de gerações mais sérios, entretanto, que acontecem no campo da mais alta Política Nacional.

Em meados do século passado, ainda era viva a presença de reflexos do caudi-

lismo da geração dos Farrapos no comportamento político nacional, em grande parte calcado em aberto populismo, que resultava em danos à economia do País.

Em contraposição ao status quo, conviviam o pensamento renovador dos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, ansiosos pela consolidação das ideias democráticas e pelo progresso, e o oportunismo da corrente totalitária de esquerda, atuando na clandestinidade, com vistas à implantação de regime de governo subordinado às orientações das Internacionais Socialistas.

Como todos sabemos, a situação deteriorou-se, na década de 1960, após o fim de um governo que colocou em execução ambicioso e renovador Plano de Metas e transferiu a capital do Rio de Janeiro para Brasília, com a renúncia do Presidente imediato e a subida ao poder do seu substituto legal, que não teve a capacidade política para evitar a ação dos mentores do planejamento para o golpe totalitário socialista, não conseguindo terminar o seu mandato por força da contrarrevolução de 31 de março de 1964.

Os militares não ficaram imunes a todo esse processo conturbado. Foram caudilhos, em determinados momentos. Fraccionaram a sua adesão entres os diversos partidos políticos e as correntes ideológicas existentes, em outras. E acabaram sofrendo as consequências da política vigente: a tropa, embora coesa, na maioria, acabou dividindo-se entre as correntes de pensamento atuantes à época, sucumbindo, uma minoria, às influências daqueles que, ousadamente, tentavam infiltrar-se na caserna há muitos anos. O primeiro governo militar contrarrevolucionário foi obrigado, em consequência, a ter pulso firme, afastando os detratores, como forma de reestabelecer a ordem nos quartéis e de consolidar a vitória. Mas não foi só em relação aos militares opositores que atuou. Dentro de um escopo mais amplo, no da reorganização nacional, agiu de maneira a afastar a tradição caudilhesca da classe como um todo, com a elaboração de nova

lei de promoção dos oficiais, delimitando os tempos de permanência no serviço ativo.

Com a devolução do poder aos civis, com a Lei da Anistia e com a reestruturação dos partidos políticos, retornaram os militares à caserna, dedicando os seus esforços à preparação dos seus quadros e organizações para o emprego previsto pela Constituição Federal, no entanto, sem descuidar do desenrolar dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos, preocupados com o bem-estar nacional.

Terceira conclusão: as coisas mudam, por força de interesses políticos internos ou externos, instigadores de situações extremas, como a ruptura de regime de governo, contrapondo adultos de todas as idades, filiados a correntes ideológicas distintas, com consequências sérias ao desenvolvimento e à segurança nacionais.

No Século XXI, depois do Brasil passar por uma série de reestruturações, de modo a superar as turbulências financeiras e de recuperar a credibilidade na sua moeda e economia, chegamos aos dias de hoje, em que a crise internacional, mantida à distância em 2008, dá os ares de sua presença sem a menor cerimônia, trazendo em seu bojo, antigos fantasmas, como a carestia, no campo econômico e, no campo político, o caudilhismo e o populismo associados à corrupção em todos os níveis.

Nesse contexto, os comandantes militares, ponderadamente, vêm seguindo os preceitos da Carta Magna à risca, dando prioridades aos assuntos operacionais, preparando as Forças Armadas para atuarem na defesa da Pátria e na manutenção da lei e da ordem nacionais, caso venham a ser acionadas por um dos poderes da República. Sem esquecer os ensinamentos do passado, agem de acordo com a legalidade, porém cientes de que, como sabiamente

dizia o Brigadeiro Eduardo Gomes, o preço da liberdade é a eterna vigilância. Pode-se afirmar que o posicionamento dos chefes militares tem garantido às Forças Armadas a conservação de elevados índices de confiança perante a opinião pública.

Em paralelo, tendo origens controversas, tanto internas como externas, encontra-se, em pleno curso, forte campanha, de modo a desviar a atenção dos brasileiros dos verdadeiros responsáveis pelas mazelas nacionais e, como resultado, desprestigiar, dividir e enfraquecer as Forças Armadas – instituições que gozam de elevados índices de aprovação popular – desígnios que, se alcançados, deixarão o País à mercê de qualquer aventureiro.

Esse movimento, que remonta à centúria passada, vem sendo executado de maneira hábil, sendo exemplos marcantes os ataques diretos ou indiretos à Lei da Anistia e a criação da Comissão da Verdade, cujos membros foram escolhidos unilateralmente pelos perdedores do conflito interno das décadas de 1960 e 1970. Faz-se mister, portanto, mais do que nunca, a análise desapassionada dos acontecimentos e dos interesses em jogo, de modo a perceber o que vem sendo feito para colocar em oposição os militares ativos e os inativos, bem como para desmerecer a ação dos atuais comandantes e seus oficiais-generais perante a tropa, principalmente usando a força disseminadora de ideias que é a internet.

Quarta conclusão: as coisas mudam, embora nem todos entendam, desenhando-se, no horizonte, conflito de gerações, envolvendo correntes ideológicas ultrapassadas e o uso de modernas técnicas de Comunicação, engendrado e incentivado por interesses políticos internos, destinados a mascarar as mazelas da atual gestão, e por interesses externos, em

busca de alternativas para manter posições de poder ameaçadas pela crise financeira internacional, o qual poderá trazer consequências seriíssimas ao País.

Para a resolução do conflito, o cumprimento isonômico das leis, em especial a Lei da Anistia, por todas as partes interessadas seria o primeiro passo para alcançar a consolidação da tolerância e da união entre os brasileiros. Se todos não o fizerem, pelo menos os militares deverão fazê-lo, de modo a justificar a confiança pública que consolidaram ao longo dos anos, e a manterem-se disponíveis ética e operacionalmente aos poderes constituídos, para a aplicação dos preceitos constitucionais.

É preciso, pois, que os componentes das Forças Armadas, ativos e inativos,

mantenham-se coesos e unidos em torno dos seus atuais chefes, repudiando provocações e o canto das vivandeiras, não admitindo a quebra dos princípios da hierarquia e da disciplina. Atitudes em contrário significariam a aceitação dos interesses oportunistas e a violação daqueles princípios basilares, criando o motivo para exacerbar a propaganda contra elas, com os propósitos de desvalorizá-las perante a opinião pública e de reduzir-lhes a capacidade moral de intervenção.

Vamos colaborar, enfim, com os nossos chefes, de modo a não dificultar-lhes o complexo e difícil trabalho.

O sapo, mesmo indigesto, deve ser engolido por causa mais nobre. Afinal, queiramos ou não, o tempo passa e as coisas sempre mudam ■



A participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial

“Por ocasião das comemorações do 60º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial, a lembrança dos italianos que presenciaram a ação da FEB, na Itália, ressaltou a solidariedade do soldado brasileiro para com a população civil.”

Gen Ex Ivan de Mendonça Bastos

Representante do Brasil nas comemorações do 60º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial.

QUE FOI A “CAMPAINHA DO ATLÂNTICO”?

Foi o conjunto de missões desempenhadas pela Marinha e Força Aérea Brasileira que, ao lado das forças similares americanas, permitiram a livre navegação no Atlântico Sul.

QUAL FOI A ATUAÇÃO DA MARINHA DE GUERRA NESSE EPISÓDIO?

Assegurou, mesmo antes da declaração da guerra, a permanente ligação do Sul com o Norte e o Nordeste do Brasil, protegendo os comboios ao longo do litoral e através do Atlântico.

Perdeu, nessa faina, um total de 468 homens.

Escoltou, sem nenhuma perda, 2.981 navios em 251 comboios.

SACRIFICARAM-SE NA GUERRA OS JOVENS PILOTOS

1º Ten Av

Aurélio Vieira de Sampaio
João Maurício Campos de Medeiros
Luiz Lopes Dornelles
Olegard Olsen Sapucaia
Waldir Paulino Pequeno de Mello

2º Ten Av

Dante Isidoro Gastaldoni
(em treinamento no Panamá)
Frederico Gustavo dos Santos
John Richardson Cordeiro e Silva
Rolland Riftmeister

01	Alegrete.....	01-06-1942
02	Barbacena.....	28-07-1942
03	Apalóide.....	22-11-1942
04	Piave.....	28-07-1942
05	Tamandaré.....	26-07-1942
06	Parnaíba.....	01-05-1942
07	Antonico.....	28-09-1942
11	Osório.....	27-09-1942
12	Lajes.....	27-09-1942
13	Pelotasólde.....	04-07-1943
16	C. Lira.....	18-05-1942
21	James Robertson.....	07-07-1943
25	Itapagé.....	26-09-1943
28	Bagé.....	31-07-1943
29	Brasilólde.....	18-02-1943
30	Baependi.....	15-08-1942
31	Araraquara.....	15-08-1942
	Fritz John Potter.....	01-03-1943
32	Anibal Benévolo.....	06-08-1942
34	Itagiba e Avaré.....	17-08-1942
35	Jacira.....	19-08-1943
36	Afonso Pena.....	01-03-1943
39	Campos.....	23-10-1943
40	Tutóia.....	20-06-1942
10	C. Bahia.....	04-07-1945
23	C. Camaquã.....	21-07-1944
37	NT Vidal de Oliveira.....	19-07-1943
08	U-550.....	09-07-1943
09	U-662.....	06-01-1943
14	U-507.....	11-01-1943
15	U-164.....	06-01-1943
17	S. Archimedes.....	15-04-1943
20	U-598.....	23-07-1943
22	U-591.....	30-07-1943
26	U-128.....	17-05-1943
33	U-161 não confirmado.....	27-09-1943
38	U-199.....	31-07-1943
41	U-513.....	19-07-1943
18	B-25.....	22-04-1942
19	B-25.....	22-05-1942
24	B-18.....	08-05-1943
27	A-28 Hudson.....	05-04-1943
42	Vultee V-11-06 BZ.....	26-08-1942

QUAIS OS MOTIVOS QUE LEVARAM O BRASIL A DECLARAR GUERRA AOS PAÍSES DO EIXO?

As agressões dos submarinos alemães e italiano aos nossos navios e os acordos internacionais determinaram a declaração de guerra aos países do Eixo no dia 22 de agosto de 1942.

COMO O BRASIL ATUOU NO TEATRO DE OPERAÇÕES EUROPEU?

Sendo o único país da América Latina a combater o nazifacismo, o Brasil enviou para a Europa, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), com um efetivo total de 25.374 homens (15.069 em combate), que em 239 dias, de combate contínuo, capturou 20.573 inimigos, perdeu 451 combatentes, teve 2.722 feridos e 35 foram feitos prisioneiros.

QUAL A IMPORTÂNCIA QUE ASSUMIU O TERRITÓRIO BRASILEIRO DURANTE AQUELE CONFLITO?

Levada a guerra ao Norte da África, o nosso “saliente nordestino” assumiu uma extraordinária posição estratégica em relação à América do Norte e ao Norte da África. Para defendê-lo, o Exército deslocou, para lá, diversas Unidades. Após longas negociações, o Brasil concordou com a instalação de bases americanas nas cidades de Salvador, Recife, Natal, Fortaleza e Belém e na construção de outras pistas alternativas, em nosso território. Essa medida foi tão importante para o apoio logístico aos aliados, que ficou conhecida como “Trampolim da Vitória”. Terminado o conflito, os americanos se retiraram e as instalações construídas passaram a integrar nossa infra-estrutura aeroportuária.

QUANDO TERMINOU A GUERRA PARA O BRASIL?

Na Itália a guerra terminou no dia 2 de maio de 1945, mas antes, renderam-se à FEB, a 148ª Divisão de Infantaria alemã e a Divisão Itália, sob o comando dos Gen Fretter Pico e Carloni, respectivamente.

QUEM FOI O COMANDANTE DA FEB E COMO ELA SE DESLOCOU PARA A ITÁLIA?

Sob o Comando do General de Divisão JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, a FEB, após concentrar as Unidades no Rio de Janeiro, foi transportada para o Teatro de Operações Europeu em navios de transportes americanos e escoltados por navios da Marinha do Brasil e dos Estados Unidos, na seguinte ordem: **1º Escalão:** 5.075 homens, a bordo do “Gen Mann”, no dia 2/7/1944, mais o Gen MASCARENHAS e o Estado-Maior da FEB, Comandante Gen ZENÓBIO; **2º escalão:** 5.075 homens, a bordo do “Gen Mann”, no dia 22/9/1944, Comandante: Gen CORDEIRO DE FARIAS; **3º Escalão:** 5.239 homens, a bordo do “Gen Meigs”, no dia 22/9/1944, Comandante: Gen FALCONIÉRE; **4º Escalão:** 4.691 homens, a bordo do “Gen Meigs”, no dia 23/11/1944. 5º Escalão: 5.082, homens a bordo do “Gen Meigs”, no dia 8/2/1945. Por via aérea foram transportadas 67 enfermeiras e mais 44 militares.

QUAL FOI A ATUAÇÃO DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA?

Além de atuar, junto com a Marinha e as forças similares americanas, na campanha anti-submarina e no patrulhamento das nossas costas, a FAB fez-se representar na Itália pelo 1º Grupo de Caça e pela 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação. Essa última, integrou a Artilharia Divisionária, cumprindo 682 missões de guerra e mais de 400 regulações de tiro. A Caça, enquadrada pela Força Aérea Tática do Mediterrâneo, operou os Thunder Bolt P-47, cumprindo 5.465 horas de voo em operações de guerra. Seu feito mais notável foi a 22 de abril de 1945, ao atacar a região de São Benedetto, preparando o estabelecimento da cabeça-de-ponte sobre o Rio Pó. Aquele dia ficou consagrado como o DIA DA CAÇA.

Ministério da Defesa
Exército Brasileiro
Departamento de Ensino e Pesquisa
Coordenação e Pesquisa:
Cel Cav Paulo Dartanham Marques
de Amorim
Desenho: ST Álvaro Alexandre do
Nascimento

HERÓI DE GUERRA

Major Brigadeiro Aviador

Meira

A Força Aérea Brasileira perdeu, em 30 de março de 2013, aos 90 anos, um de seus maiores ícones. Herói de guerra, militar dedicado, deixou um legado inestimável para a FAB, para a aviação de Caça e para o Brasil.

A trajetória do Major Brigadeiro Meira iniciou-se em 1943, quando se formou na Escola de Aeronáutica no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. Como Aspirante, seguiu para o Nordeste, mas logo em seguida foi convocado para servir no 1º Grupo de Aviação de Caça (1º GAVCA).

O Grupo foi enviado para a Segunda Guerra Mundial. No conflito, o Brigadeiro

Meira tornou-se um herói. Cumprindo nada menos que 93 missões no front europeu, como piloto de caça da Esquadrilha Verde. Sua primeira missão ocorreu em 11 de novembro de 1944 e a última em 2 de maio de 1945, considerada a derradeira missão do Grupo de Caça nos céus da Itália. Em 18 de junho de 1945, o militar partiu de Pisa, na Itália, para os EUA a fim de efetuar o traslado de novos aviões P-47

para o Brasil. Em sua carreira militar voou 6.000 horas entre as aviações de caça e de transporte.

Ao regressar ao Brasil, foi formar novos pilotos de caça no Grupo de Aviação de Caça, na Base Aérea de Santa Cruz. Por causa de sua grande experiência, foi convocado para transmitir a doutrina aplicada na Guerra aos oficiais, como instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da



Ten Av Meira, na Itália



Maj Brig do Ar José Rebelo Meira de Vasconcelos e esposa Maria do Carmo Pessoa Meira de Vasconcelos

Aeronáutica, em São Paulo. Comandou ainda a Escola de Bombardeio Médio.

Os vínculos e as amizades, constituídas durante a Guerra, tornaram-se perenes e renderam situações inusitadas. Durante o conflito mundial o então Tenente Meira era comandado pelo Major Nero Moura, que mais tarde assumiria o cargo de Ministro da Aeronáutica. Quando o Brigadeiro Meira, casado havia pouco tempo, chegou a Recife, foi convocado pelo Ministro Nero Moura de forma enfática: “Esteja em meu Gabinete, aqui no Rio de Janeiro, amanhã às 15 horas”. Ainda que tentasse argumentar, a confirmação do Ministro teve igual

ênfase: “Esteja em meu Gabinete amanhã às 15 horas”. Foi designado então Oficial de Gabinete e Ajudante de Ordens do Ministro da Aeronáutica. Em um cenário distinto do vivido na campanha da Itália, os amigos voltavam a conviver.

Na sequência de sua carreira, o Brigadeiro Meira ocupou vários cargos de destaque. Foi Membro da Comissão Aeronáutica em Washington, EUA; Comandante e Oficial de Operações do 2º Grupo de Transporte; Chefe da Seção de Logística e de Operações do Comando de Transporte Aéreo; Instrutor da Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica; Subchefe

do Gabinete do Ministro da Aeronáutica; Chefe da Seção de Planejamento do Estado Maior da Aeronáutica; Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.

Reformado em outubro de 1966, no Posto de Major Brigadeiro do Ar, o incansável Brigadeiro Meira continuou desenvolvendo suas atividades na vida civil. Entre os cargos que ocupou estão: o de Superintendente Administrativo da Sondotécnica Engenharia de Solos S.A; Diretor Administrativo da Sondoplan Planejamento, Pesquisa e Análise S.A; Superintendente de Coordenação Operacional da VASP; Presidente da Cia Brasil Central Linha Aérea Regional; Assessor de Operações, Diretor Administrativo e Vice-Presidente Executivo da Brinks S.A.

De temperamento afável, o Brigadeiro Meira deixa um legado de profissionalismo e será sempre lembrado pela serenidade. Serenidade como a que exibia no Birutinha, bar do Clube de Ultraleves que fica no Clube de Aeronáutica da Barra da Tijuca. Ouvia atentamente as histórias de seus companheiros, mas quando na roda de amigos o assunto era o Grupo de Aviação de Caça, ali estava ele para contar com riqueza de detalhes as agruras, as dificuldades e as vitoriosas missões da FAB na Segunda Guerra Mundial. Relatos que só mesmo um herói de guerra poderia fazer ■

Fonte: Agência Força Aérea





Reinaldo Peixe Lima
Cel Av

Caçador turma 1969 – Jaguar 25 – King 01 (88/89)
peixelima@casaer.com.br

*E foi assim
que eu
cruzei o
Rio Pó...*

Cheguei como Tenente ao 1º Grupo de Caça, na Base Aérea de Santa Cruz, no início de 1971, e minha primeira função foi a de Chefe da Seção de Relações Públicas. Por conta disso, eu era responsável, também, pelo pequeno museu que havia ao lado da sala do Comandante, ainda dentro do hangar do Zepellin. Foi nessa ocasião que comecei a aprender mais sobre a história do Grupo de Caça, e sua atuação operando os P-47 Thunderbolt no norte da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Logicamente, eu já conhecia alguma coisa, mas, agora, eu, praticamente, passava uma boa parte do dia dentro do museu, escarafunchando cada gaveta, e lendo tudo que podia sobre nossos antepassados: relatos de voos, mapas de missões, reportes dos pilotos, tudo, enfim, que pudesse me dar maiores informações sobre nossos heróis.

De tudo, o que mais me chamava atenção era a importância do Rio Pó na vida daqueles pilotos! O Pó – que nasce nas encostas dos Alpes franceses e passa por Torino, Mantova, Ferrara e outras tantas cidades italianas até desaguar no Golfo de Veneza – estava em todos os planejamentos de missão: era referência nos voos, era ponto de controle da navegação, foi Linha de Contato durante boa parte da guerra, mas, o interessante é que o rio meio que exercia uma influência psicológica nos pilotos. Podia-se perceber claramente que o Vale do Pó fazia o papel de “porta de entrada” na guerra, e na volta das missões em território inimigo cruzar o Pó era a certeza de estar “voltando para casa”, para o conforto (relativo...) das barracas de Pisa e para o aconchego do Albergo Netuno! Sobrevoar aquele rio na proa sul, mesmo com uma asa furada de balas, ou com o motor soltando fumaça e avariado pela FLAK alemã, significava mais um dia de vida, uma boa dose de Glenmorangie (o uísque “oficial” dos pilotos do 1º Grupo de Caça) ao final da tarde, e talvez – maravilha suprema – mais um encontro com a namorada... Enfim, cruzar o Pó era a garantia de mais 24 horas de vida porque no dia seguinte tudo começava outra vez!

Na minha maneira de ver, o Rio Pó para os nossos pilotos tinha mais ou menos o papel de um “portal” que marcava, claramente,

a diferença entre a vida e a morte, o amor e o ódio, a paz e a guerra...

Durante a minha vida na Caça, vez por outra, lá estava eu dando uma olhada no mapa do norte da Itália, conferindo os nomes das cidades sobrevoadas e/ou atacadas pelos P-47 brasileiros, como Casarsa, Bologna, Padova, e tantas outras. Imaginava as paisagens vistas pelos pilotos nas recuperações rasantes dos ataques, enfim, imaginava como poderia ter sido aquela guerra... E o rio Pó ali presente, sereno e eterno, o mesmo Pó de sempre...

E, então, tomei a decisão: um dia ainda vou conhecer esta região, e também vou cruzar este “portal”, afinal o Rio Pó estava ali para ser cruzado!

Finalmente, quase 70 anos depois que a última esquadrilha de P-47 cruzou o Pó pela última vez, eu fui para a Itália com o objetivo de realizar a minha missão de reconhecimento e ataque no Vale do Rio Pó! Como não existia mais o estado de beligerância com a Itália, a missão deveria ser bastante tranquila, e poderia até permitir outros objetivos, por exemplo, tomar uma dose de Glenmorangie com gelo feito com a água do rio Pó... *Why not?*

Depois de uma semana em Roma sob um calor de Madureira no verão, aluguei uma Mercedes bi-place, e eu e Mary – minha esposa e excelente navegadora – partimos para Pienza, na Toscana, onde a ideia era ficar mais uns cinco ou seis dias antes de seguir para o norte, na direção de Padova e Veneza. Assim foi feito. Pelo litoral subimos até Tarquinia – hoje um grande porto – demos um *brake* à direita, e tomamos a proa da Toscana.

Entre um Brunelo e outro, visitando as pequenas cidades-monumento da região, como a própria Pienza, Montalcino, Siena, Monteriggioni e outras, consegui planejar com detalhes meu deslocamento para a importante missão que se avizinhava: iríamos atravessar, saindo de PIENZA, uma boa parte da região sobrevoada pelos P-47 do 1º GAC, passando por cidades que viviam na minha memória, como Casalecchio, Bologna, Ferrara e Rovigo, sendo nosso objetivo final chegar a Padova. Nesse caminho, cruzaríamos o Rio Pó na região de OCCHIOBELLO, mantendo sempre a proa norte.

Verifiquei a meteorologia, conferi a

navegação, fiz o cheque externo, conferi o combustível, rádios ligados na frequência local e iniciei o taxi. A decolagem na Mercedes Benz foi bastante tranquila. A primeira plantação de girassóis passou como uma mancha amarelada na minha janela quando atingi 150 km/hora já na “aerovia A1” (lá ainda não tem pardal nas estradas...).

Saindo de Pienza na proa norte, na direção de Firenze, minha intenção era passar por Bologna e Ferrara, dar uma olhada rápida, e só parar às margens do Rio Pó. Lá então, descer da viatura, recolher um pouco da água do rio, voltar ao carro e seguir viagem até Padova, onde o Glenmorangie seria tomado com o gelo feito da água do Rio Pó. A ideia era realmente encontrar-me com o “Santo Graal da Caça”!

Na realidade, o que ocorreu comigo foi muito além do que eu podia imaginar, tanto que eu esperei até hoje para relatar o fato. Meu “encontro” com os Veteranos quase atingiu as raízes do sobrenatural...

Mantendo uma navegação tranquila no GPS da Mercedes, aproximava-me do Rio Pó, porém, algumas preocupações rondavam meus pensamentos:

- a água desse rio já deve estar bastante poluída;
- se eu for fazer gelo dessa água para botar no Glenmorangie, vou ter que ferver antes;
- onde vou conseguir um fogão?
- e se o rio tiver um barranco e não der para descer?
- e se eu tentar descer assim mesmo, e me estabacar dentro do rio?

Bem, como bom caçador, a missão estava planejada, e ia ser cumprida. Não havia objetivo secundário nem “alvo de oportunidade”: eu tinha que tomar uma dose de Glenmorangie com gelo do Pó, e câmbio! Pensei comigo: “quando eu subir no *balsing* faço a avaliação final do objetivo...”.

E assim fui me aproximando do alvo, mas, de repente, uma sensação estranha tomou conta de mim: eu sentia claramente que estava sendo observado! Algum tempo atrás, quando eu ainda voava, em algumas situações eu sentia esta sensação, mas *catzo*, eu agora estava pilotando uma Mercedes numa autoestrada italiana, em tempo de paz, e não havia porque temer alguma aproximação pelas 6 horas...

Por via das dúvidas, instintivamente, chequei o retrovisor, mas não havia nada à minha retaguarda. Mas, aquela sensação esquisita persistia. Coisa mais estranha!...

Bem ao longe, na proa, vislumbrei os Apeninos, e aí caiu a ficha: só pode ser o “velho” Brig Nero Moura e sua corriola da Guerra! Lógico, sem dúvida nenhuma, seguramente estavam todos ali me observando de cima daquelas montanhas! Esta guerra foi tão importante para aquele grupo, que, com toda a certeza, depois que foram para a outra dimensão, para o outro lado do muro, reuniram-se todos ali, como se fora na grande sala do apartamento do Brig Nero de frente para o mar de Copacabana! Só que, agora, tinham o Vale do Pó como cenário, e por certo que as histórias que relembravam eram as mesmas, mas com um sabor muito especial: tinham diante de si a visualização de todo o T.O. onde combateram e, em alguns casos, morreram! Imaginem o Correa Neto olhando lá de cima e apontando para Casarsa e dizendo: “...foi ali que aqueles sacanas me acertaram, e eu saltei de paraquedas...”, ou o Motta Paes – no seu silêncio habitual – olhando para San Benedetto, ao sul do Pó, e pensando como fora abatido e como tinha conseguido saltar a tempo, no sufoco...

Esses pensamentos passavam por minha cabeça, e já estava a menos de 1 quilômetro de cruzar o Pó, quando, do nada, uma rajada atingiu a Mercedes!

– “CARACA, estamos sendo atacados!” gritei. Imediatamente dei motor, pisei fundo na Mercedes e já ia iniciar uma curva defensiva apertada para a esquerda, quando, na fração de segundo seguinte voltei ao normal, ao perceber que tinha sido atingido por uma tremenda chuva de granizo! As pedras eram enormes, quase do tamanho de um ovo de galinha. Muito estranho, porque até há alguns momentos o sol estava brilhando, e de repente tudo ficou preto e as pedras caíram...

Providencialmente, há uns 200 metros da ponte sobre o Rio Pó havia uma ponte ferroviária cruzando a estrada. Fui diminuindo a velocidade, flap de mergulho baixado, o trem já estava embaixo, e parei debaixo da ponte para me proteger daquela violentíssima chuva de granizo que mais parecia uma FLAK “di 40”!

Com essa eu não contava: como é que

eu vou chegar até a margem do Pó e descer o barranco sem levar uma pedrada? Fiquei ali parado olhando para o Rio e para aquele monte de pedras de gelo no chão, espalhadas pela estrada. Foi, então, que peguei um saco plástico na viatura, enchi com as pedras de granizo, e virando-me para os Apeninos, bati uma continência caprichada e falei baixinho: “Valeu, Comandante Nero, obrigado pelo gelo!”

Minha mulher e navegadora não entendeu nada, e eu, então, expliquei:

– “O Brig Nero, o Assis, o Torres, o Renato Goulart, o Kopp, o Correa Neto, todos eles estão ali em cima (e apontei para os Apeninos). Com toda a certeza estão nos acompanhando desde que saímos de Pienza, ou você acha que um ex-comandante do Grupo de Caça ia passar por aqui e eles não iam saber? Ainda mais o seguinte: como entes superiores que são, e presentes nesta



área há muitos anos, sabiam das minhas intenções de colher água do Rio Pó para beber um Glenmorangie. Provavelmente, o “velho” Nero – com sua sabedoria infinita – pensou lá com seu macacão de voo: “Esse guri vai fazer merda, e acabar caindo dentro desse rio...”. Em seguida, virou para o lado e perguntou ao Brandini: “Cadê o Aspirante?” (o Aspirante era o Canário, o mais moderno de todos, que continuou sendo chamado de Aspirante pelo Brig Nero até o fim da vida...).

Canário – que naquele momento estava dando uma supervisionada na vida dos netos lá na vertical do Rio de Janeiro – prontamente atendeu: “Pois não Comandante!” (lembro aos leitores que nessa dimensão, a velocidade é a do pensamento...).

– “Ô Aspirante, fala com o pessoal da meteorologia para mandar AGORA uma chuva de gelo em cima daquela Mercedes branca que tá chegando para cruzar o Pó ali perto de OCCHIOBELLO. E o gelo tem que ser do tamanho daqueles de geladeira, tá bem?” E

chacoalhando o copo de uísque (certamente, Glenmorangie) ainda acrescentou: “as pedras do tamanho destas aqui...”. Ainda vejo o Canário ponderando: – “Chefe, posso saber a razão?”. E Nero Moura meio sem paciência respondendo: – “Canário, faz o que estou mandando, tá bem? Depois eu explico”.

E foi assim que, sem precisar descer a barranca do rio, sem precisar ferver a água, e sem correr o risco de tomar um estabaco, recebi dos céus a água do Rio Pó já limpa e no seu estado mais puro! E tá na cara que, se caiu gelo do céu em cima do Rio Pó, a água que fez esse gelo só podia ser a do Rio Pó que evaporou, subiu e depois caiu em cima de mim por ordem do Brig Nero Moura! Simples assim...

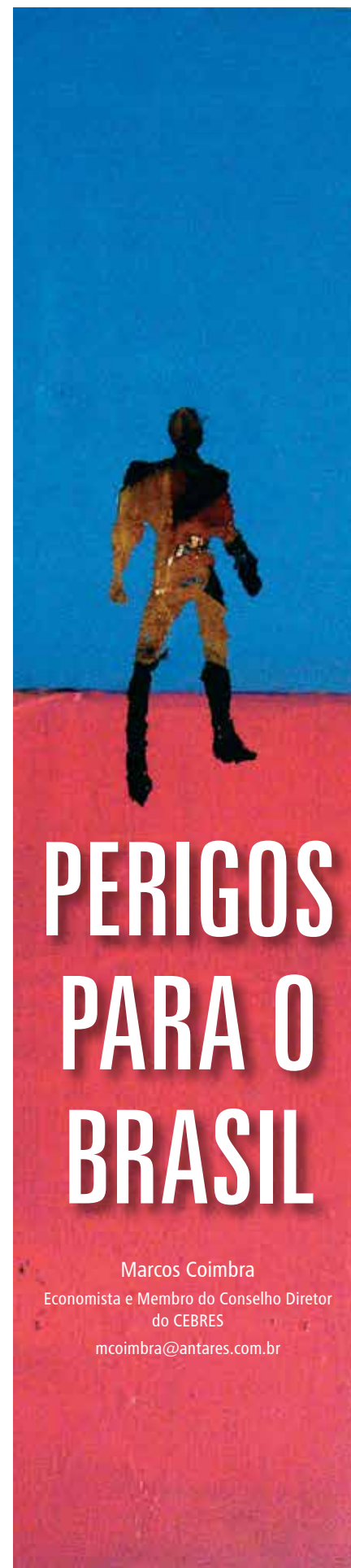
Não acaba aí: entrei no carro, dei partida e lentamente voltei para a estrada. O rio Pó estava ali, bem na minha frente, e ainda caíam algumas pedras, agora menores. Fui acelerando para sair debaixo daquela chuva que poderia danificar a Mercedes, e quando eu estava exatamente sobre a ponte, o céu começou a abrir e um raio de sol bateu na minha cara. No outro lado do rio, não havia uma nuvem. A tempestade se foi tão rapidamente como tinha vindo...

Fiquei realmente impressionado, e por que não dizer, emocionado. Viajamos em silêncio por algum tempo, até que comentei com Mary: “Não é que ele sabia que eu estava querendo tomar Glenmorangie com a água do Rio Pó e me mandou o gelo já pronto?”. Mary – conhecedora dos mistérios da Caça – só falou assim: “*Close myself!* Acho que você continua prestigiado com os Veteranos...”.

Chegamos a Padova, fomos para o hotel, e, antes de sair para jantar, preparei um Glenmorangie com as pedras de gelo gentilmente enviadas por Nero Moura e seus inseparáveis comandados. Sentado na varanda da suíte, ainda vislumbrando na noite que caía as encostas dos Apeninos, levantei um brinde aos Veteranos... (nessa hora, passou pela minha cabeça o seguinte: na dimensão onde eles se encontram, o uísque nunca acaba e o gelo também nunca derrete: é o uísque perfeito!).

E foi aí que gritei bem baixinho, quase que comigo mesmo: “Senta a Púa!”, e juro que escutei, ao longe, um grito de “BRASIL!”, meio que ecoando pelos vales do norte da Itália.

Foi assim que eu cruzei o Rio Pó... ■



Nunca, em sua história, o Brasil esteve tão ameaçado quanto no momento presente. Os chamados “centros de irradiação de prestígio cultural” (meios de comunicação de massa, universidades, escolas, teatro, cinema e outros) são usados, de um lado, pelos detentores do poder econômico, pelo sistema financeiro internacional, pela Comissão Trilateral, para propagar e impor os seus nefastos propósitos.

De outro, pelos adeptos da implantação de uma ditadura bolivariana de pensamento único. Ambos procuram destruir o Estado Nacional Soberano, extinguir as Forças Armadas, fazer vingar a tese da Soberania Relativa, forçar a privatização selvagem, a abertura econômica irrestrita, desmoralizar a Família, enfim, a derrocada de todas as Instituições Nacionais.

Cada um destes dois grupos com propósitos diferentes quanto aos fins, mas com o mesmo efeito maléfico. Até que ponto não servem aos mesmos senhores, apesar de parecer paradoxal? Afinal, a História mostra alianças inimagináveis entre visões de mundo aparentemente antagônicas.

O primeiro, através da “lavagem cerebral”, empreendida pela mídia mundial, foi impondo estas condições, e os países periféricos, administrados pelos representantes desta oligarquia mundial, foram aderindo, inclusive, recentemente, o Brasil. Pretendem proibir até a posse de armas de fogo pelos cidadãos, bem como controlar todo o estoque mundial de armas e munições para facilitar a implantação de um “governo mundial”, dotado de “força de paz supranacional”, obviamente comandada por eles.

A Amazônia corre risco de ser desnacionalizada em curto prazo. Vários líderes de governos anteriores desses países já declararam publicamente, por diversas vezes, que a região não pertence aos seus possuidores legítimos, mas sim a eles. Mas, nem tudo corre como eles querem. Alguns países, como Israel, China, Índia e Paquistão reagiram e conseguiram poder nuclear próprio. É uma ameaça para a concretização dos projetos dos “donos do mundo”.

O outro grupo pretende impor a doutrina

bolivariana usando meios semelhantes. Começa pela Cultura. Grande parte da população já está sendo persuadida de que não vale mais a pena lutar para ter um país soberano, realmente democrático, com rotatividade no poder. Estão conseguindo destruir não só a vontade de lutar, mas também os sentimentos nobres, legados por nossos antepassados, como: amor à Pátria, coragem, valorização do trabalho, persistência na luta pela conquista dos Objetivos Nacionais Brasileiros, desapego a bens materiais e esperança de dias melhores, não só para esta geração, mas, principalmente, para as gerações futuras de milhões de brasileiros. Mas, ainda existem outros milhões de brasileiros com vontade de lutar, seja qual for a arma a ser utilizada. Corações e mentes são mais importantes do que aparato bélico. Porém, no Brasil, a esperança desaparece. O povo começa a ficar sem perspectivas.

Existe uma desesperada tentativa de impedir o progresso do Brasil, procurando quebrar a Integridade do Patrimônio Nacional. Movimentos separatistas são estimulados, especialmente através da nefasta atuação de ONGs alienígenas que controlam a Funai e vão impondo a imoral demarcação de “terras indígenas”, em proveito de interesses estrangeiros. Até inventam reservas quilombolas para agravar a situação.

Isto é crime de lesa-pátria! É traição à pátria! Atingindo o Estado Nacional Soberano, enfraquecem-nos, tornando mais fácil disseminar a cizânia entre nós, para procurar evitar que nosso país alcance o patamar de potência emergente. Só para exemplificar: 21% das reservas de água doce no mundo pertencem ao Brasil (15% na Amazônia) e o segundo país, o Canadá, tem apenas 14% das reservas mundiais. Isso contando as águas contidas nas geleiras. No século XXI, a água potável vai tornar-se cada vez mais rara. E nós a temos em abundância.

Vamos continuar a luta contra os inimigos internos e externos para que o Brasil ocupe o lugar que merece no contexto mundial e seus habitantes possuam uma vida mais digna.

Resistir é preciso! ■

A SAGA DO CARDEAL ZERO UM

Maj Brig Ar Wilmar Terroso Freitas

Subdiretor de Divulgação do INCAER e
Presidente da Associação Brasileira de Equipagens
da Aviação e Patrulha (ABRA-PAT).

48wilmar@gmail.com

Longe vão os idos de 1928, em Bagé, no Rio Grande do Sul, quando o jovem guri, Rodolfo Becker Reifschneider, levado por seu pai, oficial de cavalaria, viu um filme que lhe apresentava aos aviões da época – velhos remanescentes da Primeira Guerra Mundial – em acirrados combates aéreos e certos bombardeios.

Anos mais tarde, depois de ver o Graf Zeppelin no Campo dos Afonsos, em 1934, e voar pela primeira vez, em 1938, como passageiro em aeronave Belanca, o jovem Rodolfo sentiu-se tomado por um verdadeiro “amor ao avião”, conforme suas palavras em depoimento ao Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER).¹

A vocação para o voo foi consolidada como cadete da 5ª Arma do Exército – a Aviação – e, depois, confirmada, como cadete-aviador na Escola de Aeronáutica, onde foi matriculado em março de 1941, no 2º ano do curso.²

1 - INCAER. Projeto Memória, DVD nº 1.
2 - Ao iniciar o seu funcionamento, em

Passaram-se 41 anos desde o primeiro voo solo, até o último, como Tenente Brigadeiro, no trecho Brasília – Rio. Nessa longa jornada, aquela vocação de menino foi correspondida com cerca de 14.000 horas de voo em instrução, reconhecimento, bombardeio, patrulha, busca e resgate e missões do Correio Aéreo Nacional.

Ao longo desse tempo, emocionantes episódios – hoje não mais possíveis – foram vivenciados pelo Ten Brig Becker, como a liderança de 36 aeronaves North American B-25 Mitchel em “voo de grupo” – para usar o linguajar da época.

Não é difícil imaginar a sua vibração ao pousar e ser catapultado no navio-aeródromo USS Antietan, da Marinha americana, especialmente por ter sido o primeiro piloto brasileiro a realizá-lo com P-16, em 1961, quando liderava a equipe de militares que foi realizar, nos Estados Unidos, treinamento de guerra antissubmarino e para operação a bordo de porta-aviões. Ao final da missão, o Ten Brig Becker liderou a esquadrilha que

março de 1941, a Escola de Aeronáutica recebeu militares (cadetes, oficiais, graduados aviadores e civis) para o 1º, 2º e 3º anos do curso que se iniciava.

recebeu e trasladou, para o Brasil, as primeiras aeronaves Grumman P-16A Tracker da Força Aérea Brasileira, adquiridas para guarnecer o Navio-aeródromo Minas Gerais da Marinha do Brasil.

A partir dessa missão, o Ten Brig Becker foi protagonista de uma série de atitudes pioneiras que formaram uma verdadeira saga na Força Aérea. A Ordem dos Cardeais – código por ele adotado no traslado das aeronaves P-16 ao Brasil – foi uma delas, que se transformou em tradição de orgulho, identidade e espírito de corpo para os integrantes de uma aviação que surgia para cumprir missões antissubmarino, partindo de terra ou de porta-aviões.

Cabendo-lhe o título de Cardeal “Zero Um”, presidiu, desde aquele ano, sempre no dia 28 de junho, a Ceia dos Cardeais, almoço que é uma sagração ao profissionalismo, ao companheirismo e à operacionalidade. Ele sempre fazia encerrar – o já consagrado ritual da Ceia – com a canção *Bandeirantes do Ar*, cujos versos “A esquadrilha é um punhado de amigos, a vibrar, a vibrar de emoção...” bem traduzem a natureza do evento que é um legado aos mais jovens, deixado pelo decano patrulheiro e exemplar aviador.

Dentre seus feitos operacionais,



destacou-se a presteza que demonstrou – quando era Comandante do 1º Grupo de Aviação Embarcada – ao receber uma ordem de deslocamento no final do dia, um sábado de carnaval: “catou” os pilotos no baile do Clube de Aeronáutica e, às 8 horas do dia seguinte, pousava em Recife com sete aeronaves P-16 armadas e prontas para engajar na operação que viria a ser denominada *Guerra da Lagosta*.

Como Comandante do Comando Aerotático, realizou pioneira operação no Acre, onde aconteceram os primeiros combates aéreos dissimilares na Amazônia.

Na área do ensino, como Comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EAOAR), ao final da década de 1960, tinha convicção de que o Curso de Tática Aérea

deveria ser de competência da área operacional. Sua ideia concretizou-se anos mais tarde, quando o curso passou para o Grupo de Instrução Tática e Especializada (GITE), criado no Centro de Aplicações Táticas e Recompimento de Equipagens (CATRE), em Natal – RN, organização subordinada ao Comandante do Comando-Geral do Ar, hoje Comando-Geral de Operações Aéreas (COMGAR).

Mantendo sempre à vista os nobres princípios do Brigadeiro Eduardo Gomes – nosso Patrono – e, tendo chegado ao último posto da carreira, foi Comandante do COMGAR, o mais cobiçado cargo para um aviador idealista como ele. Seu último cargo foi Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, coroando, *cum laude*, sua vida de sacerdócio à arte de voar, ao

desenvolvimento da FAB e ao progresso de nosso País.

Nada mais revelador de sua invulgar dedicação e amor à FAB do que sua mensagem aos novos oficiais que ingressam, hoje, nas escolas e centros de formação, registrada em recente depoimento no Projeto Memória do INCAER:

“O que peço a Deus é que vocês, daqui a 40 anos, possam ter realizado um sonho igual ao meu e que possam perseverar na busca a um total profissionalismo, com total dedicação e amor à nossa Pátria Brasileira, lembrando sempre que servir à FAB é um privilégio que só é dado aos que cumprem suas missões em sabedoria, sinceridade, benevolência, coragem, retidão de caráter e, acima de tudo, amor à verdade. Aos aviadores, lembro que a dúvida mata, que o erro pode ser corrigido e que o acerto será aplaudido. E, a todos, lembro que o pessimista queixa-se dos ventos, o otimista espera que eles mudem de direção e o realista ajusta as velas e segue em frente. Sejam Felizes”.

No ano de 2012, prestou importante depoimento ao INCAER sobre os primeiros dias como cadete da recém-criada Escola de Aeronáutica, demonstrando privilegiada memória e escorreita linguagem, prestando sua derradeira contribuição para o resgate e preservação de importante capítulo da história da aeronáutica brasileira.³

Assim, *in memoriam* – por ter partido para seu derradeiro voo em 26 de janeiro de 2013 –, por sua inabalável fé e amor à FAB, por seu legado de realizações em uma vida profissional admirável e plena de bons exemplos para os mais jovens, cabe-lhe uma singela homenagem, com a tradicional chamada que acontece, anualmente, na Ceia dos Cardeais:

Cardeal 01... Presente! ■

3 - INCAER. Projeto Memória, DVD 25.



CRONOLOGIA AERONÁUTICA

10/ago/1901 – O jornal Le Progrès, de Dijon, divulgou o seguinte: “Apesar do nervosismo que Santos-Dumont sentia após uma decepção tão cruel, o aeronauta deu prova de uma grande força de caráter, permanecendo estoicamente no meio da multidão que o esmagava na ânsia de assistir aos trabalhos de salvamento do seu balão. Às pessoas que insistiam para que Santos-Dumont esperasse num lugar abrigado, até que os trabalhos de salvamento terminassem, ele respondeu: Não, não, quero ficar aqui até que os meus instrumentos me sejam entregues, quero verificar logo que danos eles sofreram”.

O jornal The New York Herald, edição francesa, fez a seguinte referência sobre o pioneiro brasileiro: “Sua coragem indomável ficou provada pelos preparativos para construir outro balão, em substituição ao que foi violentamente destruído na quinta-feira: Ele não se deixa parar pelos perigos que enfrenta, nem se desencoraja por acidentes”.

1/ago/1901 – Santos-Dumont publicou uma carta na imprensa, agradecendo ao Comandante do Corpo de Bombeiros pelo “concurso generoso e desinteressado que seus subordinados tiveram quando de seu salvamento no acidente do N° 5”. E, acrescentou: “felicito-o por comandar tais homens, que possuem, em alto grau, o sentimento do dever e o desprezo pelo perigo”.

20/ago/1901 – Augusto Severo de Albuquerque Maranhão partiu de Natal com destino ao Rio de Janeiro pelo navio “São Salvador”. Foi essa a última vez que o inventor deixou a capital do Rio Grande do Norte. Na Câmara Federal, ele solicitou e obteve uma licença para ausentar-se do Brasil às suas expensas. Ele chegou à França no dia 5 de outubro do mesmo ano.

30/ago/1901 – Foi concluída a construção do balão-dirigível “N° 6” de Santos-Dumont. Algumas características do “N° 6”: a) Volume - 630 m³; Comprimento - 36 metros; c) Altura - 6 metros; d) Balonete

compensador 60 m³; e) Forma - elipsóide alongado; f) Motor - Buchet, 4 cilindros, resfriados a água, com 16 HP de potência e 98 kg (o mesmo do “N° 5”); g) Combustível - 10 litros de gasolina para autonomia de 2 horas de voo. h) Hélice propulsora - 4 metros de diâmetro, pesando 28 kg, instalada na cauda; Cabo-pendente - 100 metros de comprimento e 30 kg; j) Peso total do dirigível, incluindo o piloto - 480 kg; Invólucro - seda japonesa impermeabilizada por cinco camadas de óleo de linhaça e pesando 120 kg.

O cordame que era usado nos dirigíveis anteriores, ligando o balão propriamente dito à “nacelle” e cujo peso podia atingir 60 kg, foi substituído no “N° 6” por fios de aço que pesavam somente 10 kg. Foram adaptadas três válvulas, sendo duas para o balão de hidrogênio e uma destinada ao balonete compensador de ar. Na parte superior do invólucro havia ainda uma válvula de 40 centímetros de diâmetro, comandada pelo aeronauta, para esvaziar rapidamente o balão em caso de emergência. A hélice girava com 300 RPM.

6/set/1901 – Santos-Dumont realizou, em Saint-Cloud, a primeira experiência com o “N° 6”; a cauda do balão colidiu com uma casa, depois que o cabo-pendente embarçou em fios telegráficos no início da ascensão, causando avarias ao invólucro e no leme de direção.

7/set/1901 – A Comissão de Aeronautação do Aeroclube da França tentou introduzir modificações no regulamento do “Prêmio Deutsch de La Meurthe”, tornando mais difícil a prova que Santos-Dumont vinha tentando cumprir.

10/set/1901 – Santos-Dumont dirigiu uma longa carta ao presidente do Aeroclube da França, protestando energicamente contra a tentativa de alteração do regulamento do “Prêmio Deutsch” e dizendo que continuaria considerando as condições da prova como tinham sido inicialmente fixadas.

Foi bastante incisivo: “Permita-me, Sr. Presidente, expressar o meu espanto em face de todas essas modificações. Eu me recuso a acreditar que, no meio de um período de competição, a Comissão de Aeronautação do Aeroclube queira acrescentar dificuldades a uma prova que já as tem muitas, como eu demonstrei com risco de minha vida”. E ainda: “Já abri mão, por antecipação, da quantia de 100.000 francos (prêmio inicial); se eu ganhar, será repartida metade para os pobres da cidade de Paris e metade entre os homens desinteressados que me testemunharam um devotamento que lhes causou, às vezes, sofrimentos”. “Espero que, no interesse dos pobres de Paris e dos homens que me ajudaram, a Comissão revogue o seu voto e me deixe algumas possibilidades de ganhar, para eles, os 100.000 francos”.

Obs.: As alterações pretendidas foram revogadas e a popularidade de Santos-Dumont aumentou consideravelmente.

14/set/1901 – A revista L’Illustration, de Paris, publicou um longo artigo acerca das experiências de Santos-Dumont, bem como sobre o seu dirigível “N° 6”, além de um corte esquemático dessa nova invenção, desenhado pelo próprio aeronauta brasileiro. Em certo trecho, a citada revista esclareceu que “entre todos os projetos de balão-dirigível, estudados a luz do dia ou, à sombra do segredo, de uns anos a esta parte, o de Santos-Dumont é o único em condições de realizar suas provas no ar”. E também: “Não existem dois balões-dirigíveis no mundo. Não há mais do que um. E é preciso estar ou vir a Paris para ver” (referindo-se ao “N° 6”).

25/set/1901 – o La Press, de Paris, estampou o seguinte comentário: “Hoje, a notoriedade do desportista brasileiro (Santos-Dumont) é quase universal e seus menores atos e gestos são comentados pelos jornais do mundo inteiro”.

5/out/1901 – Augusto Severo de Albuquerque Maranhão chegou à França, procedente do Rio de Janeiro, com o

BRASILEIRA Oitava Parte



projeto de construção do seu segundo balão-dirigível, o “PAX”, passando a residir à Rua Galileu 63, Paris (posteriormente foi sede do Aeroclube da França).

A construção do balão foi encomendada à Casa Lachambre, especializada nesse tipo de trabalho, e os motores, à Firma Buchet.

Algumas características do “Pax”: a) Forma - balão-dirigível semirrígido, ovóide, portanto assimétrico, mais bojudo na parte da proa, com invólucro envernizado; b) Volume - 2.334 m³; c) Comprimento - 30 metros. d) Altura - 20 metros; do balão à “nacelle”, apenas 2 metros (menor distância); e) Peso - aproximadamente 2.000 kg; f) Gás utilizado - hidrogênio - altamente inflamável. Santos-Dumont também usava o hidrogênio. (O Hélio, gás incombustível, foi descoberto depois); g) Velocidade calculada para voo de cruzeiro: 30 km/h; h) Motores - dois, do tipo Buchet, em linha; i) Hélices - cinco, sendo uma propulsora, na cauda, com 6,30 metros de diâmetro; duas laterais para proporcionar a direção do balão (o “Pax” não tinha leme de direção); outra instalada junto à “nacelle”, destinada a corrigir as inclinações verticais, podendo ser usada para o equilíbrio do balão (por baixo da barquinha).

A rigidez da estrutura era proporcionada por uma armação de bambu em forma de trapézio. Na base superior, a haste de bambu atravessava o balão no eixo maior, enquanto que a base inferior formava o conjunto da barquinha, motores, equipamentos de comando e abrigava os dois tripulantes.

Inicialmente, Severo imaginou motores elétricos com possantes pilhas; como a

construção seria demorada e, sobretudo, dispendiosa, ele acabou optando por motores a gasolina, o que muito o preocupava. A “nacelle”, segundo suas ideias iniciais, seria toda em alumínio; por ser também onerosa, acabou usando bambu, tornando o balão mais pesado.

10/out/1901 – Santos-Dumont voou com o “N° 6” sobre o prado de corridas de Longchamps e, em seguida, pousou em frente ao restaurante La Cascade”, no Bois de Boulogne, a fim de tomar chá com os amigos.

14/out/1901 – Santos-Dumont cumpriu sua 25ª ascensão no “N° 6”, desfraldando uma Bandeira da França pela primeira vez, assunto informado pelo The Daily Messenger, de Paris. Dessa ocasião em diante, ele passou a conduzir nos seus voos as Bandeiras do Brasil e da França.

17/out/1901 – O jornal Le Matin, de Paris, comentou o imenso prestígio que Santos-Dumont desfrutava na capital parisiense. As suas experiências em Saint-Cloud atraíam verdadeiras multidões. “Os condutores de trens, de barcos e dos bondes da linha Saint-Cloud a Pierrefitte, que fazem parada em Coteaux considerando, fora de dúvida, que a maioria dos passageiros que conduz a essa localidade vai já atraída pelas experiências do jovem aeronauta brasileiro, anunciam, simplesmente, o seu nome, em vez de localidade. Eis, por que, em Coteaux, ouve-se diariamente “SANTOS-DUMONT! DESCE TODO MUNDO!”.

19/out/1901 – A grande vitória: Santos-Dumont conquistou o “Prêmio Deutsch de La Meurthe” com o seu balão-dirigível “N° 6”. Como isso ocorreu? Às 14h42min. houve a largada do balão. Voando com vento de cauda, às 14h51 min., Santos-Dumont passou no través da Torre Eiffel, tendo voado, até então, 9 minutos. Para evitar colisão, ele manobrou o “N° 6” de maneira a passar cerca de 50 metros de distância e, ainda, a 10 metros do topo do monumento.

Pesquisa de Fernando Hippolyto da Costa
Cel Av



No regresso, o “N° 6” passou a enfrentar o vento contrário, além de algumas dificuldades com o motor, mas, com 29 minutos e 30 segundos de voo ele passou na “vertical” do ponto de partida, porém, como vinha com alguma velocidade, ultrapassou o fixo de partida e, nas manobras de aproximação e pouso, consumiu quase um minuto. Assim que o cabo-pendente tocou na grama foi imediatamente agarrado por Jerome, componente da equipe de Santos-Dumont, em meio às ovações delirantes de mais de 200 pessoas presentes em Saint-Cloud.

Havia ganho, portanto, o cobiçado “Prêmio Deutsch”, voando 29 minutos e 30 segundos. A velocidade média alcançada pelo “N° 6” nos 11 km de percurso foi de 30,6 km/h, sem dúvida, um assombro para a época. No entanto, muitos que não desejavam que a competição fosse ganha pelo brasileiro criaram um sério problema alegando que os tempos gastos na aproximação e pouso deveriam ser também computados. Discutiu-se muito a interpretação da expressão “voltar ao ponto de partida”, que alguns queriam como “aterrar”. Principiou, então, a polêmica, porém, a vitória final, coube a Santos-Dumont (conforme se verá na data de 4 de novembro de 1901).

Obs.: José do Patrocínio ao ser interrogado sobre o destino que ia ter o seu invento, depois da vitória de Santos-Dumont, prontamente retrucou ao repórter que o entrevistava: “Foi para mim um presente do céu. Vem livrar-me do ridículo. Agora tomara a sério a minha invenção. Vou meter mãos à obra, com o maior entusiasmo” (cf. Raimundo Magalhães Júnior) ■

A BALEEIRA DA BASE AÉREA

Ten Brig Ar Sergio Pedro Bambini
sergio.p.bambini@gmail.com

Uma frente fria pairava sobre a Região Sul há vários dias. Apresentava-se mais intensa e renitente sobre o litoral de Santa Catarina.

O tempo em Florianópolis estava horrível. Fazia frio e uma chuvinha enjoada teimava em manter-se constante. O aeroporto operava em condições meteorológicas mínimas de voo por instrumentos. A pista em uso era a 14.

Estávamos no final do mês de maio do ano de 1982. Dia 24. Segunda-feira.

Não havia expediente na Base Aérea de Florianópolis naquela manhã invernal.

Eu era o comandante do Grupo de Serviços de Base - GSB daquela Base Aérea. O Comandante, o então saudoso Cel Av Mário Lott Guimarães.

Na manhã desse dia chuvoso, eu estava em casa, na Vila dos Oficiais, conferindo e assinando uma montanha de empenhos e verificando processos de licitação, tarefas típicas de um GSB em dias em que não há expediente. Nada fora do normal.

Naquela época, os destacamentos de Proteção ao Voo - DPV, nas localidades onde havia Organizações Militares - OM, eram subordinados ao Comandante do GSB. Portanto, o DPV-FL era subordinado, administrativa e disciplinarmente, a mim.

Naquela manhã, já próximo ao meio-dia, debruçado sobre minha escrivaninha, rodeado de papéis, sorvendo um chimarrão e com um fundo musical gaudério, ouvi o telefone chamar na sala ao lado. Minha esposa atendeu e me chamou dizendo

ser urgente. Ao atender, entendi que era, realmente, urgente.

– Coronel, é o Sargento operador da Torre. Uma aeronave, realizando o procedimento de descida para a pista 14, acusou na aproximação final, não pousou e não consigo contato com ela.

Determinei que ele entrasse em contato com os bombeiros, com o SALVAERO e com o Centro de Controle de Área de Porto Alegre - ACC-PA. Imediatamente, liguei para o Oficial de Operações, Ten Av Tito e pedi-lhe para mandar colocar a baleeira no mar. A BAFL possui, desde há muito tempo, talvez herança ainda do tempo em que era uma Base Aérea da Marinha, uma baleeira.

Sem perder tempo, liguei para o Maj Av Ortiga. Sabia que ele estava em casa e sabia que ele era proficiente na operação da baleeira.

Menos de dez minutos depois, após receber o telefonema da Torre de Controle, já estávamos embarcando na baleeira, que já estava na água e com o motor ligado. O Ten Tito havia encontrado na garagem um Soldado que tinha conhecimento de como dar partida e operar a baleeira.

Deixamos o ancoradouro imediatamente. A bordo, estávamos o Maj Ortiga, nomeado Comandante da embarcação, o Ten Tito, o S2 Paulo, o S2 Gatner e eu.

Navegamos para o Norte em direção à final da pista 14. Todos muito atentos procurando penetrar, com o olhar, a chuvinha fina que se adensava. Procurávamos enxergar alguma coisa.

Logo chegamos onde imaginávamos ser a final da pista 14.

Manobramos para um lado. Para o outro lado. Um pouco mais para frente.

Logo, um dos tripulantes da baleeira avistou alguma coisa.

Fomos para lá.

Ao nos aproximarmos vimos a cauda e a parte superior da aeronave desaparecida. E sobre ela, apavorados, encharcados e tiritando de frio, os passageiros.

Também, estavam o piloto e seu copiloto. Estes estavam calmos, satisfeitos por todos estarem em boas condições físicas. Seus olhos e suas feições, porém, refletiam o drama que viviam naquele momento. Como explicar o acontecido? Como entrar voando na água em uma aproximação ILS? Como justificar abandonar os instrumentos e tentar aproximação visual com visibilidade quase zero?

Jamais esqueci a expressão daqueles pilotos.

Transferimos todos para a baleeira e, a toda velocidade, rumamos para a Base onde uma ambulância nos aguardava. Pilotos e passageiros foram encaminhados ao Posto Médico onde foram aquecidos, atendidos, alimentados e, posteriormente, liberados.

A partir da tarde daquele dia, e nos dias seguintes, uma equipe de voluntários da Base Aérea, composta pelos Maj Ortiga, Maj Rossi e 2º Sargento Nazari, conforme consta do elogio individual publicado no boletim da BAFL, “apesar das condições adversas do tempo e da baixa temperatura, trabalharam intensa e exaustivamente no resgate da aeronave submersa que, no dia 29 de maio, foi entregue à companhia proprietária”.

A aeronave era uma C-95 Bandeirante de matrícula PP-GKC operado pela Rio Sul Transportes Aéreos. E, novamente, nessa operação, foi de primordial importância a baleeira da Base Aérea ■





Conheça a sua doença: Diabetes Mellitus

Maj Brig Méd Ricardo Luiz de G. Germano
rlgermano@hotmail.com

DEFINIÇÕES

Origem da palavra diabetes: oriunda do grego, significando **sifão** ou **compasso**; passou a ser usada, no ano 70 D.C. (Capadócia), para descrever doentes que urinavam grandes volumes (poliúria) associados a muita sede (polidipsia). Com relação a este significado existem duas vertentes explicativas: uma relacionada a sifão, por conta da grande eliminação de urina – outra relacionada a compasso, por conta do afastamento das pernas para urinar.

Origem da palavra *mellitus*: oriunda do latim, significando de **mel** ou **preparado com mel**. Em meados do século XVII ficou bem caracterizado que a maioria dos pacientes com diabetes tinham a urina com sabor adocicado, o que permitiu distinguir dois tipos de diabetes: *mellitus* e *insipidus* (sem sabor).

Pâncreas: órgão localizado na parte posterior do abdome superior, bem centralizado. Anatomicamente possui cabeça, corpo e cauda. Sua cabeça é envolvida pelo duodeno. Possui acínos secretores de enzimas digestivas (função exócrina). Dentre estas enzimas temos: amilase, lipase e tripsina que atuam sobre hidratos de carbono, gorduras e proteínas respectivamente no tubo digestivo. Possui ainda as ilhotas pancreáticas (interacinares) que exercem a função endócrina (produtos liberados diretamente na circulação sanguínea). Nestas ilhotas encontramos: células A (20%) que secretam **glucagon**; células B (70%) que secretam **insulina**, células D (5%) que secretam **somatostatina** assim como **gastrina** e células F cujo produto é o polipeptídeo pancreático. Na fisiopatologia do diabetes mellitus interessarão principalmente **insulina** e **glucagon**.

Incretinas: são peptídeos produzidos no intestino delgado que vão amplificar a resposta insulínica das células B das ilhotas pancreáticas quando glicose é absorvida ao nível do intestino. Deve ser ressaltado que a resposta insulínica nestas condições é três a quatro vezes maior que a obtida com a mesma quantidade de glicose administrada por via venosa. Esses peptídeos são: o GLP1 (*glucagon like peptide 1*) produzido pelo Íleo e o GIP (*glucose dependent insulinotropic polypeptide*), produzido ao nível do jejuno.

Após estes esclarecimentos anatomo-fisiológicos e históricos podemos definir o que vem a ser a doença.

Diabetes mellitus: (DM) trata-se de uma síndrome em que se observa o metabolismo desordenado e inapropriada **hiperglicemia** devido a uma deficiência de secreção de insulina ou uma combinação de resistência à insulina e inadequada secreção da mesma para compensar tal resistência. Como consequência, observam-se, também, níveis acima do esperado para o **glucagon** (a secreção de **glucagon** é inibida pela **insulina** que neste caso está sendo secretada em quantidade abaixo da necessária).

Podemos didaticamente classificar o diabetes nos seguintes tipos:

TIPO I: neste tipo de diabetes a insulina circulante está virtualmente ausente, o nível de glucagon é bastante elevado e as Células B das ilhotas falham em responder a qualquer estímulo. Em acima de 90% dos casos, este tipo está associado a uma

autoagressão (formação de anticorpos contra as células B das ilhotas, contra a insulina e contra outras proteínas do próprio pâncreas). Chama-se, também, este subtipo de **Tipo I imuno-mediado** ou **Tipo I A**. Por outro lado, existem pacientes que não têm desenvolvimento de células B das ilhotas e não apresentam anticorpos contra as mesmas. Este subtipo é chamado de **Tipo I idiopático** ou **Tipo I B**. Em ambos os subtipos ocorre influência hereditária.

O **Tipo I A** aparece clinicamente na infância e na juventude com *peaks* desta aparência na idade pré-escolar e na puberdade. (A presença dos autoanticorpos no sangue precede bastante o aparecimento das manifestações clínicas em geral). Existe uma forma de **Tipo I A** que tarda em manifestar-se clinicamente e é, muitas vezes, confundido com o **Tipo II**: esta forma é conhecida pela sigla LADA em inglês (*Latent Autoimmune Diabetes of Adulthood*). O tipo I B costuma dar manifestações clínicas bem mais cedo.

TIPO II: neste tipo, observa-se uma insensibilidade dos receptores da insulina à mesma. Embora as células B consigam produzir a insulina, não são capazes de compensar a necessidade ditada pela resistência nos receptores e, assim, ocorre a **hiperglicemia**. Por outro lado, nota-se, também, o *deficit* de produção de **incretinas** e aumento do **glucagon**. A tendência é que esta incapacidade das células B de compensarem totalmente a maior necessidade de insulina piore com o passar dos anos. Acima de 90% de todos os diabéticos estão incluídos nesta classificação. Usualmente, apresenta-se na idade adulta (em torno de 40 anos), mas, tem sido cada vez mais frequente a descrição deste tipo em crianças e adolescentes. Tem um fator genético importante e é precipitado pela obesidade intra-abdominal (aumento da circunferência abdominal por gordura).

Diabetes gestacional: a gestação está associada com um aumento na resistência à ação da insulina nos seus receptores ao nível dos tecidos. Sendo assim, observam-se aumento nos níveis

sanguíneos de insulina. Estas alterações são devidas às mudanças hormonais que ocorrem na gestação: elevação de BHCG (hormônio placentário), prolactina, hormônio do crescimento estrogênio, progesterona e hormônios tireoidianos. Deste modo, algumas mulheres poderão desencadear seu diabetes **Tipo II** durante a gestação, o que é chamado de diabetes gestacional. Tal quadro pode ceder (compensar-se) após a gravidez ou permanecer após a mesma (depende de vários fatores, dentre eles, principalmente, obesidade intra-abdominal). Para a mulher já sabedora de portar diabetes mellitus a gestação constitui um risco adicional, assim como para o conceito. Tal paciente deve ser bem aconselhada e preparada para isso, assim como muito bem acompanhada durante a gestação.

Outros tipos de Diabetes Mellitus: além dos tipos I e II bem caracterizados acima, existem outros tipos específicos de DM que são raros.

Diagnóstico Laboratorial do Diabetes Mellitus: glicemia em jejum (12 horas) – O valor normal é na faixa de 70 mg% a 99 mg%. Se o valor atingir 126 ou mais, preenche critério de diagnóstico para DM. O aumento de glicemia em jejum entre 100 mg% e 125 mg% preenche o **critério de intolerância a glicose** ou **pré-diabetes**.

Teste oral de tolerância à glicose: após jejum de 12 horas é colhida uma amostra de sangue para glicemia de jejum e o paciente então ingere 75 g de glicose (dextrose) dissolvida em 300 ml de água. Mede-se, então, a glicemia de uma nova amostra de sangue colhida duas horas após. A interpretação é a seguinte:

	NORMAL	PRÉ-DIABETES	
	Tolerância a Glicose	Intolerância a Glicose	Diabetes Mellitus
Glicemia em jejum	< 100	100 - 125	≥ 126
Glicemia 2 horas após carga de dextrose	< 140	140 - 199	≥ 200

Hemoglobina glicosilada (ou **glicada**): trata-se da hemoglobina A1C (fração de hemoglobina que sofre glicosilação

pelo nível de glicose existente no sangue). Ela reflete o estado da glicemia das últimas 8 a 12 semanas (2 a 3 meses). A interpretação é a seguinte:

	PRÉ-DIABETES	
Normal	Intolerância a Glicose	Diabetes Mellitus
4,5 - 5,6%	5,7 - 6,4%	≥ 6,5%

Obs: Hemoglobinopatia, sangramento, destruição de hemácias (hemólise) ou outras anemias importantes diminuirão a credibilidade deste método. Nestas situações pode ser usado o método da **Frutosamina** (glicosilação da albumina do plasma) que vai dar uma ideia da variação glicêmica nas últimas duas semanas. A faixa normal é 205 a 285 micmol. Não existe ainda um critério bem estabelecido para fronteira entre pré-diabetes e diabetes por este método como ocorre com a Hbaic.

Avaliação da glicemia na gestação: durante a gestação os valores considerados normais para glicemia de jejum e pós-prandial são menores que nas mulheres não grávidas.

		PRÉ-DIABETES	
	NORMAL	Intolerância a Glicose	Diabetes Mellitus
Glicemia em jejum	60 a 80mg%	81 a 94mg%	≥ 95mg%
Glicemia 2 horas após carga de dextrose (neste caso 100g)	< 120mg%	120 a 154mg%	≥ 155mg%

QUADRO CLÍNICO

Este é bastante variado. Pode evoluir durante um bom tempo sem sintomatologia, obtendo-se o diagnóstico apenas pelo laboratório (daí a importância de *check-up* periódico). Em outras ocasiões, uma avaliação oftalmológica pode chamar atenção para suspeita de diabetes (queixas intermitentes de acuidade visual, assim como alterações no exame de fundo de olho – **Retinopatia diabética**). Outros pacientes abrem o quadro com sintomatologia rica. Nestes casos podemos ter: urina em excesso (poliúria) e espumosa. Muitos pacientes referem: acúmulo de formiga em locais com urina; sede intensa

(polidipsia); aumento da fome (polifagia); perda de peso; hálito de acetona (cetônico – devido à formação de corpos cetônicos); desidratação (causada, principalmente, pela poliúria que é consequente a eliminação de glicose pela urina) e acidose (queda do pH do sangue consequente ao acúmulo de corpos cetônicos). Coma (que pode ser por conta da acidose – que é o mais comum ou consequente apenas ao aumento da glicose s/acidose que é chamado de coma hiperosmolar (glicemia $\geq$ 600mg%). O coma cetônico é mais comum no DM tipo I. Com o passar do tempo em diabéticos mal controlados podemos ter complicações dos seguintes tipos: **macrovasculares** – corresponde à **aterosclerose** que acomete principalmente as artérias coronarianas, artérias carótidas, aorta, artérias renais e artérias de membros inferiores. Embora estas sejam as principalmente acometidas, todas as artérias do sistema circulatório podem ser envolvidas (exemplo: artéria mesentérica) – **microvasculares** – são as chamadas microangiopatias, acometendo, principalmente, retina (retinopatia diabética), sistema nervoso periférico (neuropatia diabética) e rins (nefropatia diabética). Na esfera sexual podemos ter a queda da libido (tanto no homem como na mulher) e a disfunção erétil (no homem, consequentemente à aterosclerose e à neuropatia do sistema nervoso autônomo). Deve ser mencionado que muitos pacientes com DM tipo II quando recebem o diagnóstico já vinham apresentando a chamada síndrome metabólica (acúmulo de gordura intra-abdominal, hipertensão arterial, dislipidemia, intolerância à glicose, ácido úrico elevado etc.) O risco cardiovascular destes pacientes é bem elevado. Estes pacientes também evoluem com queda dos níveis de testosterona, o que pode agravar a performance sexual. Outros tipos de complicações no diabético mal controlado: oftalmopatias (retinopatia, catarata, glaucoma e alteração no vítreo); mal perfurante plantar (neuropatia) e síndrome demencial (Alzheimer).

MEDIDAS TERAPÊUTICAS

Mudanças de hábitos:

Dieta: É um pilar fundamental em todos os tipos de DM. Se o diabético está dentro da faixa de peso deverá ter uma dieta normocalórica, normoglicídica (porém, com glicídios lentos), normoproteica e normolipídica (com gorduras poliinsaturadas). No paciente com obesidade a dieta deve ser: hipocalórica, hipoglicídica (glicídios lentos também), normoproteica e normolipídica (com gorduras poliinsaturadas). A meta de circunferência abdominal é <102 cm no homem e <88 cm na mulher. Havendo hipertensão arterial ou predisposição a litíase urinária tem que ser dieta com pouco sal <3 g de sal por dia (três colheres de café rasas). Havendo queda da função renal deverá ser suspenso o uso de carne vermelha ou órgãos como fonte de proteína (substituir peixe, ave ou ovo). Deverá ser mantida uma ingestão líquida de 1,5 a 2 litros por dia.

Atividade Física: É outro pilar fundamental no tratamento de qualquer tipo de DM. O exercício melhora a tolerância à glicose, diminuindo a necessidade de medicamentos. O paciente deverá escolher a atividade física que lhe seja prazerosa e mantê-la com regularidade, de preferência diariamente. O diabético que usa **insulina** ou sulfonilureias (medicações antidiabéticas) deve estar atento para a possibilidade de **hipoglicemia** durante a realização de exercícios. Sendo assim, nestas ocasiões, portarão reservas de glicídio rápido (dextrose, mel etc.) para serem usadas no combate a mesma. Deverá também partir para o exercício após alimentação evitando realizar o mesmo em **jejum**.

Tabagismo: Sabemos que o tabagismo aumenta em muito a morbi-mortalidade do diabético, principalmente o seu risco cardiovascular. Sendo assim, o diabético deve abster-se do uso de fumo.

Etilismo: O uso de bebida alcoólica de modo leve e saudável poderá ser benéfico para a morbi-mortalidade do diabético. Isto poderá se dar nos seguintes níveis:

cerveja <700 ml/dia, vinho tinto principalmente <300 ml/dia e *whisky* <100 ml/dia. Acima destes valores o risco/benefício tende a ser no sentido de prejuízo para o paciente (cirrose, neuropatia, aterosclerose, intolerância a glicose, dislipidemia, hipertensão arterial etc.).

Medicamentos: O arsenal de medicamentos é composto dos seguintes itens: **insulina**, sulfonilureias, glinidas, metformina, pioglitazona, inibidores da DPP4, análogos de GLP-, Inibidores das glicosidases e pramlintide.

Insulina: Este medicamento tem evoluído bastante em termos de se tornar mais próximo possível da insulina humana (insulina humanizada) diminuindo, assim, efeitos colaterais, tais como: atrofia do subcutâneo no local de aplicação, reações alérgicas e formação de anticorpos contra a insulina injetada. Apesar desta evolução, o desafio continua para obtermos a imitação do que ocorre naturalmente como fisiologia (secreção de insulina pelo pâncreas na veia porta que a leva ao fígado, juntamente com o sangue que vem dos intestinos). A pesquisa continua atuando para vencer tal desafio. Porém, o que temos disponível é a insulina humanizada que pode ser **rápida** (age com início de ação mais rápido e tempo de ação mais curto) e lenta (age com início de ação mais lento e tempo de ação mais longo). A via de administração em situação não emergencial é subcutânea e um bom esquema é a mistura destas duas insulinas, injetadas ao menos duas vezes ao dia. Outra alternativa disponível é o uso de bomba de infusão de insulina portátil (CSII - *continuous subcutaneous insulin infusion*). Esta bomba usa insulina rápida. A insulina é a principal arma terapêutica para o DM tipo I. Resta como alternativa para o DM Tipo II quando ocorre insulinoopenia (baixa do nível de insulina) e/ou as drogas orais não estão compensando o paciente juntamente com as mudanças de hábitos. Além dos efeitos colaterais relacionados à imunologia já referidos acima que melhoraram na insulina humanizada

(obtida com técnica de recombinação da bioengenharia), com a administração subcutânea (principalmente intermitente) ainda temos *peaks* de **hiperglicemia** ou *valleys* de **hipoglicemia** que devem ser evitados com tentativas de melhor ajuste (dose, dieta e exercício). Deve ser notado, também, que a insulina humanizada não consegue ainda repetir na prática todas as ações da insulina natural. Sendo assim, ela não inibe a produção aumentada de glucagon quer no DM tipo I ou II. Ainda, em relação à insulina, deve ser mencionado que em situações de emergência (cetoacidose grave e/ou hiperosmolaridade) a abordagem inicial é com insulina rápida por via venosa, de preferência com bomba de infusão.

Sulfonilureias: Este grupo farmacológico age estimulando a liberação de insulina pelas células B das ilhotas pancreáticas. No Brasil temos disponíveis as seguintes sulfonilureias: **Gliclazida**, **glimepirida** e **glibenclâmida**.

Glinidas: grupo farmacológico quimicamente distinto das sulfonilureias, mas, que age do mesmo modo com os mesmos efeitos colaterais. São disponíveis a repaglinida e a nateglinida.

Metformina: atua principalmente no fígado, aumentando a sensibilidade à insulina em suas ações neste órgão (diminui a resistência à insulina). É usada no tratamento do DM tipo II. Não causa hipoglicemia conforme ocorre com insulina e sulfonilureia. São chamadas de medicação **euglicêmica**. Por outro lado, também contrariamente à insulina e sulfonilureias, causa perda de peso gordo. Como efeito colateral pode causar distúrbios gastrointestinais que podem melhorar com o passar do tempo. Existe uma forma de apresentação com ação mais demorada (XR) que provoca menos efeitos gastrointestinais. Outro efeito colateral importante é a facilitação para acidose láctica por diminuir a metabolização do ácido láctico no fígado. A metformina é eliminada pelo rim e, sendo assim, não deve ser utilizada em pacientes com insuficiência renal grave (filtração glomerular <30 ml/min.).

Pioglitazona: atua ativando a enzima PPAR que, por sua vez, ativa a liberação de **adiponectina** e inibe a produção de resistina pelos adipócitos (células do tecido adiposo). Como consequência, teremos uma diminuição da resistência à insulina no fígado, nos músculos e no tecido adiposo principalmente. Existem vários efeitos benéficos desta medicação que estão relacionados com a elevação da adiponectina (proteção contra aterosclerose, efeito anti-hipertensivo, melhora de esteatose, hepática etc.). Assim como a metformina a pioglitazona não causa hipoglicemia. Como efeito colateral adverso, poderemos ter: **osteopenia/porose, ganho de peso gordo e retenção de líquido**. Há relatos de carcinoma de bexiga em uso de pioglitazona (tais pacientes eram fumantes também).

Inibidores de DPP-4: são medicamentos que impedem a ação de enzima DPP-4 sobre as incretinas (GLP1 e GIP). São as gliptinas. Aumentam a insulina endógena, principalmente pós-prandial e inibe a produção de glucagon, além de diminuir a apoptose (destruição fisiológica) das células B das ilhotas pancreáticas. Não causa hipoglicemia, e pode ser associado a qualquer antidiabético oral ou insulina para DM tipo II. Apresenta ainda uma ação imunossupressora. Por conta desta ação e da inibição da produção de glucagon, tornou-se uma opção terapêutica também para o DM tipo I. É de uso oral e apesar de sensibilizar a ação das incretinas não causa perda de peso gordo.

Análogos de GLP 1: também conhecidos como agonistas dos receptores de GLP1. Temos a exenatida e a liraglutida. Além de aumentarem a insulina endógena diminuem a apoptose de células B das ilhotas, inibem a secreção de glucagon, diminuem a velocidade de esvaziamento gástrico, diminuem o apetite e por tanto podem causar perda de peso gordo. Também não causa hipoglicemia. É usado por via subcutânea. Usado principalmente no DM tipo II com resistência a perda de peso. Pode ser usado também no DM tipo

I com interesse em baixar o glucagon e o peso gordo.

Inibidores das glicosidases: São substâncias que competem com os hidratos de carbono das refeições para se unirem às enzimas digestivas que atuam sobre estes no tubo digestivo. Como tem maior avidez sobre as enzimas, tornam a digestão dos hidratos de carbono mais lenta e, assim, o efeito hiperglicêmico pós-prandial é mais lento e menos intenso. Existem a **acarbose** e o **miglitol**, sendo mais usado a acarbose. O principal efeito colateral é o meteorismo (flatulência) por causa da fermentação dos hidratos de carbono que chegam ao cólon. Podem ser usados no DM tipo II e tipo I.

Pramlintide: é um análogo sintético do polipeptídeo amiloide da ilhota (IAPP ou Amylin). Tem ação de inibir o glucagon, diminuir esvaziamento gástrico, diminuir apetite e causar perda de peso gordo. Também usado por via subcutânea. Foi preconizado para uso em DM tipo II e tipo I.

Controle: Dizemos que o DM está bem controlado quando temos: glicemia de jejum dentro da faixa normal (70 a 99), tendo-se uma tolerância máxima até 130, a glicemia pós-prandial abaixo de 140, admitindo-se uma tolerância máxima de 160 e a hemoglobina glicosilada na faixa de 6,5-7% para pacientes jovens e sem riscos de hipoglicemia, enquanto para aqueles mais idosos, com riscos para hipoglicemia e com mais comorbidades (cardiopatias, neuropatias, encefalopatias etc.) a meta deve ser algo mais elevada- 7,5-8%. Deve ser combatida ao máximo a hipoglicemia, pois a mesma além de causar alterações cardiológicas e neurológicas em curto e em longo prazo, também causa todos os efeitos maléficos da hiperglicemia no aspecto quer macrovascular ou microvascular. Sendo assim, a variabilidade glicêmica (diferença entre o *peak* e o *valley* da glicemia) torna-se muito importante. Deve ser a menor possível sem ocorrer hipoglicemia. Em condições normais é na faixa de 15 a 30, mas a tolerância máxima sem hipoglicemia deve ser 80. Existe

um *software* que calcula a variabilidade glicêmica a partir de glicemias de jejum e pós-prandiais já registradas (obtidas por glicemia capilar de pontas de dedos com a técnica de hemogluco-test-hgt). Quando o controle de glicemia necessita ser mais rígido, existe a técnica da monitorização contínua da glicemia com a colocação de uma sonda subcutânea (em geral, fica três a sete dias e pode transmitir os dados para a bomba de infusão de insulina). Sendo assim, o ideal é combater a hiperglicemia sem perda de tempo, preocupando-se para não causar hipoglicemia. Por isso, a tendência mais lógica é abordar-se o DM tipo II, de início, com uma associação de drogas além da dieta e mudança de hábitos. O DM tipo I já é abordado desde o início com insulina, além de dieta e mudanças de hábitos.

OUTRAS ALTERNATIVAS TERAPÊUTICAS

Transplante de Pâncreas: o transplante de pâncreas é usado principalmente em pacientes com DM que apresentem também insuficiência renal crônica em estágio final. Sendo assim é realizado o transplante de rim e pâncreas ao mesmo tempo. Mais raramente o transplante isolado de pâncreas poderá ser usado naquele paciente que esgotou totalmente as alternativas terapêuticas disponíveis sem solução.

Implante de células B no fígado: existem serviços médicos no exterior e no Brasil realizando implante de células B no fígado (via transcutânea ou via transjugular). Os resultados em curto prazo são animadores. Existe a dependência de doadores e do uso de imunossupressor.

Bomba de infusão contínua de insulina subcutânea (csii) acoplada à monitorização contínua de glicemia: é um desafio que vem sendo perseguido e vencido pelos pesquisadores.

Implante de bomba de insulina com sensor de glicemia no sistema porta: este produto pode ser chamado de “pâncreas artificial” e é ainda um experimento.

Experimentos com células-tronco:

existem relatos também neste sentido com a finalidade de recuperação da função endócrina pancreática.

Tratamento Imunossupressor: tentativas de bloquear o desenvolvimento do DM tipo IA com imunossupressores é antiga e esbarra na necessidade de tratamento contínuo e recidiva em longo prazo. Atualmente, tem surgido experimento com anticorpos monoclonais anti CD3 (linfócitos) sem necessidade de uso contínuo e com resultados animadores.

Uso de nova droga que inibe a absorção de glicose nos túbulos renais: existe uma nova droga que deverá ser lançada no arsenal terapêutico do DM, tanto I como II. Esta substância (glifozina) inibe a absorção de glicose nos túbulos renais, aumentando a carga de glicose na urina, ajudando a diminuir a glicemia. Secundariamente, esta droga ajuda também na perda de peso gordo (fator positivo no diabético obeso). Tem como efeito adverso a predisposição à infecção urogenital, principalmente em mulheres (a glicose aumentada na urina facilita o crescimento de microorganismos).

Irisina (a pílula do exercício): irisina é uma enzima que ativa a transformação de gordura branca/amarela em gordura marrom/brilhante, ou seja, torna a gordura mais rapidamente metabolizável (queimável), pelo músculo.

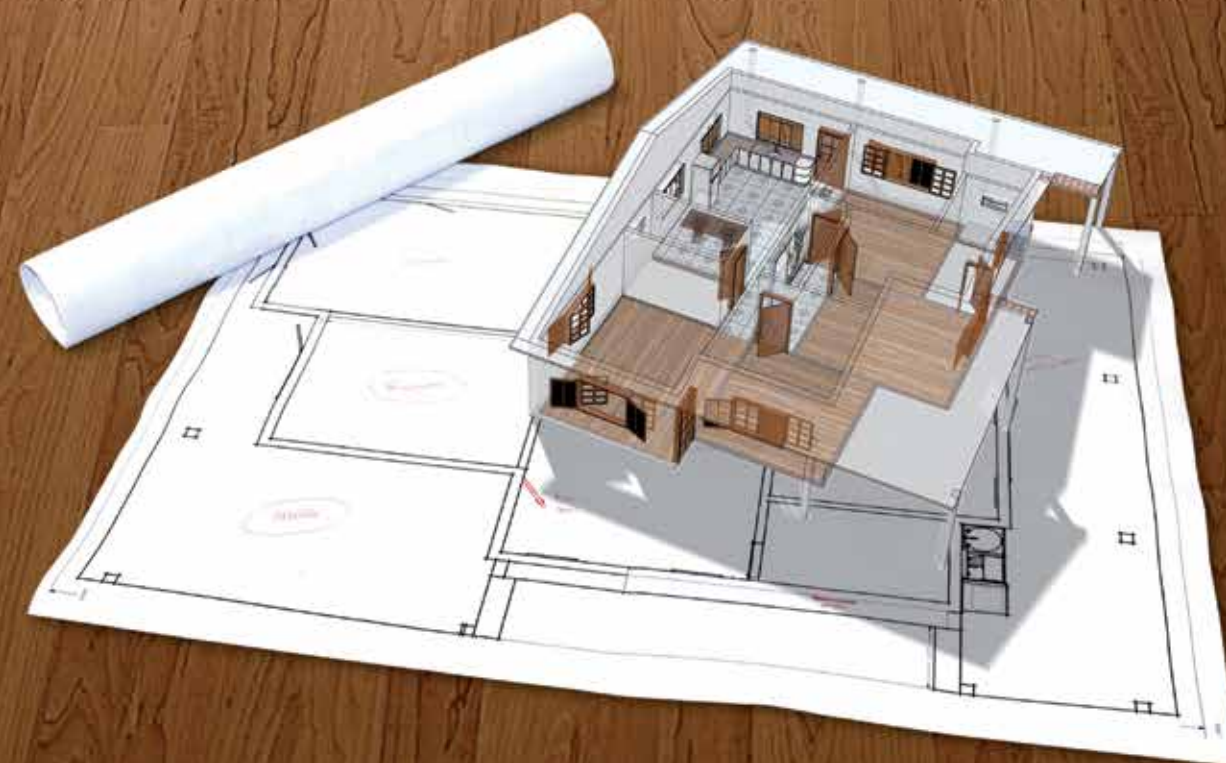
Educação e Treinamento: a educação (conhecimento da doença) e o treinamento (abordagem prática terapêutica) são fundamentais para o sucesso do tratamento. Temos que ter em vista que o desafio é grande e a obediência com disciplina à regra é importante. O paciente ou seu parente/cuidador (caso de crianças ou incapazes) deverá receber orientações sobre as manifestações da doença e sobre a abordagem terapêutica (principalmente uso da insulina e controle de glicemia capilar. Se for o caso, uso da bomba de infusão de insulina subcutânea). Esta abordagem é importante em qualquer diabético, mas, torna-se fundamental no diabético dependente de insulina (todos do tipo I e alguns do tipo II). É importante criar-se a figura do “clube do

diabetes” nos hospitais, em que reuniões periódicas entre pacientes, parentes/cuidadores, médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas e outros profissionais de saúde interagiriam para melhorar os resultados.

Espero que os leitores tenham entendido esta doença e ajude na difusão destas informações para pacientes e parentes/cuidadores ■



Com a POUPEX é assim, você decide adquirir a sua casa própria e, quando menos espera, o sonho sai do papel.



Aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção com as melhores condições e agilidade na liberação do crédito.

Mais informações: 0800 61 3040

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO RIO DE JANEIRO - ESCRJ

Palácio Duque de Caxias - Ala Cristiano Ottoni (PDC) - Centro - 20221-260
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 2253.8395 - Fax (21) 2253.0860

www.casapropriapoupex.com.br

Financiamento Imobiliário

POUPEX

